



Sergio Britto
e Paulo Brito

boca pequena
olhos querendo conversar

Memória a dois

hoje é sábado

amanhã é do domingo
domingo

segunda

terça

quarta

amanhã é do
domingo

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Memória a dois

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Fundação Nacional de Artes – Funarte

Presidente

Francisco Bosco

Diretor Executivo

Reinaldo da Silva Verissimo

Diretora-substituta do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Diretor do Centro de Artes Cênicas

Leonardo Lessa

Gerente de Edições

Filomena Chiaradia

Memória a dois
Sergio Britto e Paulo Brito

Copyright © Sergio Britto e Paulo Brito
Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ – Tel. (21) 2279-8071
livraria@funarte.com.br – funarte.gov.br

Edição

Filomena Chiaradia

Produção Editorial

Jaqueline Lavor Ronca

Produção Gráfica

Julio Fado

Produção Executiva

Gilmar Cardoso Miranda

Capa e Projeto Gráfico

BR75 Produções | Luiza Aché

Preparação de Originais

BR75 Produções | Silvia Rebello

Revisão

BR75 Produções | Clarisse Cintra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Britto, Sergio.
Memória a dois / Sergio Britto, Paulo Brito. – Rio de
Janeiro: Funarte, 2015.
184 p.: il.; 21 cm

ISBN 978-85-7507-170-0

1. Britto, Sergio, 1923-2011. 2. Atores – Brasil – Biografias.
I. Brito, Paulo. II. Título.

CDD 927

Para Marília Brito.

Agradecimentos

à minha família: Marília, Renata,
Claudia, Lucas, Marina, Guilherme.

ao Walter Boechat, que leu e significou esse momento.

à Tatiana Fraga, presença amiga e importante olhar.

à Ana Angélica Albano, pela emoção ao ler esse texto.

aos amigos que de alguma forma contribuíram
para a realização desse projeto.

Calma que o rio vai chegar.

Sergio Britto

O que surporta
é a beleza da palavra
O que tem e fixa
e o amor firme sempre
Sempre

Prefácio

Sergio Britto agora virou estrela...

Paulo Cesar Brito

Uma luta da vida para a superação dos limites do possível, o espírito em busca de caminhos criativos de cura, assim se expressam esses diálogos. Sergio encontrou em seu sobrinho Paulo Cesar o ouvido amigo, organizador de ideias, cristizador de memórias, aglutinador do amor, companheiro constante na procura de seu ser...

Sergio Britto me telefonou em 2005. Procurava em mim alguém que o ajudasse com os conceitos da psicologia de Jung para a peça *Jung e eu*, monólogo de Domingos de Oliveira com a colaboração de Giselle Kosovski, sobre Carl Gustav Jung, que encenaria meses depois.

Encontrei Sergio Britto por diversas vezes em sua casa em Santa Teresa para discutirmos os conceitos fundamentais de Jung, o processo de individuação, o inconsciente coletivo e os arquétipos. Nesses encontros pude descobrir um Sergio Britto com um discurso vibrante, cativante, puro transporte, a magnética presença de um ator e diretor teatral de personalidade inigualável. Falei sobre os conceitos junguianos e Sergio demonstrou a íntima convivência com esses conceitos, sua vida sendo plena expressão daquilo que Jung denominou “processo de individuação”, uma intimidade com os processos internos, uma convivência com as imagens interiores, um trilhar de caminhos tortuosos para a expressão plena do *self*.

Falou-me com intimidade sobre seus estudos de medicina, muito a gosto da família, mas distintos de seu querer mais autêntico. A poderosa vocação para o teatro já vinha emergindo

como expressão de seu *self* criativo na faculdade, entre os disfarces médicos de sua *persona*. E me contou finalmente como o ator e o homem de teatro brotaram em sua plenitude, e Sergio pôde então construir seu caminho próprio. Eu ouvia a tudo emocionado, constatando que o processo de individuação a que Jung aludira é ainda possível, embora bastante raro.

Sergio me contou suas experiências fundamentais. Como conviveu com o preconceito sobre sua orientação sexual e pôde integrar em sua vida todos esses aspectos. Ouvindo-o, pude perceber a sabedoria da idade avançada convivendo com a inocência e espontaneidade da criança. Parece-me ser essa a maturidade maior. A integração da homossexualidade não se deu sem sofrimento, como me narrou. Falou no rito de passagem do seu processo de individuação em sua tentativa de suicídio, feita de modo automático, cortando os pulsos, após bastante tempo tomando sol na praia de Copacabana. Só depois entendeu os desafios e significados maiores de seu gesto para a integração de sua sombra.

Comentou outro ritual de passagem importante: sua desilusão com a medicina. Ainda estudante, plantonista em maternidade, os médicos estavam ausentes durante a noite (o que causava grande decepção em Sergio). Aconteceu um parto emergencial, com apresentação de cócoras. Sergio não sabia absolutamente o que fazer. Quando deu por si, estava fazendo o parto, que foi plenamente bem-sucedido. A enfermeira parabenizou-o, relatando que ficou surpresa ao perceber que Sergio conhecia aquela manobra de... (usou um complicado nome em alemão do criador daquela manobra obstétrica). Sergio comentou para mim, com seu inigualável humor: “Foi a minha primeira experiência mediúnicajunguiana do inconsciente coletivo...”

Ao ser perguntado sobre o que eu achava dessa sua experiência, comentei que realmente, em situações extremas, em momentos de transição de vida ou de morte, energias transpessoais podem ser ativadas no inconsciente coletivo, independentes de nossa volição pessoal. Sergio Britto teria sido um canal dessas forças curativas coletivas. Na verdade, ele o foi durante toda sua vida, imortal ator que era, sempre um canal perfeito para personagens representantes de imagens arquetípicas do inconsciente coletivo. Ele sempre nos levou às nossas catarses, às nossas transformações, às nossas curas através de suas performances.

O interesse de Sergio por Jung vinha já de algum tempo. Essa identificação com as ideias junguianas o levou, logo após o êxito da peça *Jung e eu*, a fazer uma apresentação para a edição de 2006 do conhecido livro autobiográfico de Jung, *Memórias, sonhos, reflexões*, pela Nova Fronteira. Nessa apresentação Sergio conta um pouco de seu acercamento do complexo pensamento do psicólogo suíço:

Jung via a libido com maior amplitude, acreditando que valores como a espiritualidade, criatividade e nutrição poderiam mover os homens com tanta força quanto o sexo... Mais uma vez me aproximo de Jung. Por mais que eu tenha sido um ser humano altamente sexual e sensual, minha libido maior, aquela que dominou minha vida acima de tudo, foi sempre minha carreira artística, especialmente a do ator teatral. Encontro no realizar teatral, na procura interna de meu personagem de cada nova peça, um jogo espiritual altamente prazeroso, e no ato de criar um ser novo que não sendo mais eu, e sim alguém que criei dentro de mim, a libido que realiza um orgasmo acima de todos que experimentei em toda a minha vida sexual amorosa.

(Sergio Britto, 2006, p. 11, 12)

Tive ainda dois encontros com Sergio para mim bastante significativos: no primeiro conversamos sobre os aspectos psicológicos da peça de Lars Nören, *Outono, inverno*, que Sergio encenou no CCBB do Rio de Janeiro de junho a agosto de 2006, com a direção de Eduardo Tolentino. A conversa foi no programa semanal de Sergio na TV Educativa, Arte com Sergio Britto. O segundo encontro foi um convite meu para Sergio dar seu depoimento pessoal sobre Jung no Congresso Junguiano promovido no Hotel Glória, em 2008. Nesse último encontro, Sergio Britto foi muito aplaudido por uma plateia de centenas de pessoas de todo o Brasil ao repetir trechos de grande intensidade dramática da peça *Jung e eu*.

Agora Sergio Britto novamente surpreende a todos com sua força criativa. Em momento de extremo sofrimento, buscou um caminho inesperado de resgate de sua memória, de suas imagens internas e de sua identidade. Nesses momentos difíceis, o gênio de Sergio Britto o ajudou nesse caminho semelhante ao do teatro, como se houvesse um texto teatral a ser lembrado, em diálogo constante com seu sobrinho Paulo Cesar. Paulo, a escuta amorosa; Sergio, a busca de ordem psíquica.

De início palavras soltas, neologismos, associações fragmentadas. Esforço comovente de organização. Sergio escreve ao papel e, a fac-símile, expressa de forma emocionante o esforço de ordenação a partir do caos. Palavras soltas, espaços e, por fim: “hoje é sábado”. Um início de ordenação temporal. Logo depois, os dias da semana, listados em sequência: sábado, domingo, segunda... Mais adiante, diversos nomes de frutas... É a melhora, a ordenação mental, a orientação temporoespacial que volta gradualmente. É a mente de Sergio Britto, habituada a muitos textos, muitas imagens, a memorizar diversas falas, mente acostumada às associações e ao imaginar. Essa mente certamente é capaz de sair vitoriosa nessa batalha sobre o silêncio.

Elementos dos textos teatrais brotam por vezes. Sergio diz com energia e Paulo anota: “A tentativa de burilar as tentativas de se exprimir sobre o que pensa, o que deseja e sua capacidade de sua maneira muito jovem e muito em aberto sobre os pensamentos que virão do texto. Que, por mais que pareça um perigoso jogo de palavra, no fundo é uma busca constante de se encontrar um possível estilo de comunicação.” Sergio descreve assim, em forma vigorosa, sua comovente luta para voltar a se comunicar, manter-se íntegro em meio ao caos.

Os fragmentos continuam, por vezes expressando a busca de ordenação do espaço-tempo: “hoje é o Fla-Flum”; a memória associada ao afeto: “a lembrança de uma sala lembra contacques amorosos.”

O papel aglutinador de Paulo Cesar como querido sobrinho, companheiro de há muito tempo no trabalho corporal aplicado ao teatro, é fundamental. Os fragmentos brotam às vezes dispersos, às vezes buscando coalizão, e Paulo Cesar é diligente em anotá-los. Sergio reconhece o papel aplicado de Paulo nesse sinuoso caminho a dois: “O Paulinho tem na brilhante escolha uma perfeita visão dos eventos mais constantes e mais corajosamente pensados.”

No dia seguinte, o reconhecimento de um trabalho chamado muito acertadamente de *Memória a dois*: “Meu sobrinho é uma pessoa em alta disponibilidade para se encontrar com o melhor de uma possível memória a dois.” “O que quero do Paulinho é o amor do Paulinho.”

A expressão surpreendente que Sergio emprega é digna de ênfase: “memória a dois...”. A memória de Paulo Cesar favorece a memória de Sergio, ambos relembram juntos, associam juntos... As ideias aos poucos fluem com mais nitidez e se adequam mais ao mundo externo.

O efeito do contato com outras pessoas queridas é também importante no caminho. Diz para Suely Franco ao telefone: “Eu quero encontrar um caminho de escrever bonito como vocês merecem.” Os elementos afetivos, estéticos e conceituais seguem caminhos paralelos no psiquismo e atuam uns sobre os outros. A grande capacidade amorosa de Sergio Britto preserva sua personalidade e favorece sua recuperação. No dia 26 de abril, Paulo pede a Sergio, no trabalho de exercício associativo, que diga palavras que comecem com a letra “c”. Sergio diz várias palavras, “casal”, “caderno”, “corpo” até chegar a “coração”. Logo após diz: “Função agora é cada vez mais a minha memória.”

Coração, do latim *cor, cordis*, é o órgão da memória para os antigos. Sergio é aquele que sempre “soube de cor” seus textos. Agora novamente recorda cada vez melhor a partir do coração. Os antigos estavam certos, a sede da memória é o coração, o encéfalo somente articula nossas lembranças. Sergio está aqui associando amorosamente com o coração. No momento em que a estrutura cerebral está falha e a arquitetura neuronal inconstante em suas conexões, o coração participa como órgão auxiliar da memória de forma decisiva.

Depois de legar para a cultura brasileira esses importantes diálogos, Sergio Britto nos deixou órfãos de sua rica presença. Este *Memória a dois* é sua derradeira obra criativa, uma mensagem de otimismo, força criativa e crença no poder espiritual da vontade. A reflexão que Sergio Britto faz para si mesmo ao terminar serve também para todos nós que o acompanhamos em sua trajetória de estrela fulgurante: “Agora é hora de esperar com calma e tentando não sofrer as próximas palavras.”

Walter Boechat

Introdução

Eu e meu tio já estávamos em casa há mais ou menos três dias, de volta de uma longa internação no hospital Copa D'Or. Ele havia se recuperado de uma hemorragia cerebral. Foi quando Sergio me disse: “Paulinho, agora você vai me ajudar a organizar o meu pensamento.”

Foi assim que este texto começou a ser escrito. Todos os dias, bem cedo, eu levava a bandeja com o café da manhã para seu quarto. Ele já estava me esperando acordado. Como num ritual, eu colocava a bandeja em seu colo, sentava numa cadeira à sua frente e começava a escrever os textos que ele ia ditando. Sempre respeitando as pausas, as reflexões, os silêncios.

No início eram monólogos, que aos poucos foram se transformando em pequenos diálogos, algumas “provocações”, como ele dizia. Às vezes eu colocava o caderno em suas mãos. Outras vezes ele pegava o caderno e escrevia. Importante lembrar que os encontros muitas vezes eram longos, mas outras vezes curtos. O tempo era determinado por seu estado físico. Sergio ainda estava em recuperação.

Algumas vezes ele ditava tão rapidamente que eu pedia que me esperasse. Ele dizia: “Eu posso repetir.” E repetia exatamente como antes: ditando vírgula, na outra linha, ponto final.

Desde que Sergio começou a ditar para mim, desde que começamos a escrever este livro, tive a compreensão da importância do que estava acontecendo. Era tudo emocionante. A intensidade, a delicadeza, o prazer com que ele se colocava. Com uma dor que se misturava à alegria de estar se comunicando. De estar conseguindo. E, ao mesmo tempo em que ditava, ele me pedia que o ouvisse. Que compactuasse com ele aqueles momentos

em que jorravam ininterruptamente pensamentos, imagens, reflexões, opiniões. Era doído ouvir suas falas, mas era claro para mim que, por meio deste livro, Sergio estava fazendo um caminho de volta à vida.

Muitas vezes iniciávamos nosso trabalho comigo perguntando: “Como você está? Teve algum sonho?”. “Que dia é hoje?”. Ele dizia que não se lembrava, mas queria lembrar, fazia o exercício. Eu dizia: “Ontem foi sábado.” Ele respondia de imediato: “Hoje é domingo, amanhã é segunda.” Também fazíamos jogos com palavras, com números, números ímpares, números pares. Íamos fazendo essas sequências. Sergio adorava, contando os números com vigor, sempre com muita energia. Fazíamos também sequências de vogais, consoantes e, quando conseguia dizer o alfabeto inteiro, ele vibrava de felicidade.

Ao ditar, o raciocínio de Sergio era intenso, fluente, claro. Já sua escrita não conseguia acompanhar a velocidade e certa fúria com que as imagens, os pensamentos e as palavras surgiam. Depois de ditar, ele sempre pedia que eu lesse o que havia registrado, sobre o que faço uma analogia à *Última gravação de Krapp*, de Beckett, seu último grande trabalho. Krapp grava sua memória e depois a escuta nas gravações.

Enquanto Sergio ditava esses textos, carregados de significados, de imagens do inconsciente, eu ia me lembrando da minha querida amiga Nise da Silveira. Como gostaria que Nise conhecesse esses textos. Como gostaria de ouvir seus comentários. Porque tudo o que estava acontecendo era um registro vivo da força da atuação do inconsciente. Do inconsciente de um grande artista, que viveu tantas personagens, que assistiu a tantos espetáculos, a tantos filmes. Que leu uma vida inteira. Estava tudo ali. Vivo. Presente.

Não posso também deixar de citar a presença na minha vida, na minha formação, de grandes pessoas, como o professor Petho Sándor, Maria Luiza Simões e João Bezinelli, que me iniciaram por meio de processos analíticos na linguagem dos sonhos, das imagens do inconsciente. Outra presença que preciso destacar é a do artista Ilo Krugli. Foi ele quem me apresentou em 1975 a psicologia junguiana, acordando em mim e abrindo minha cabeça para o mundo das imagens, sempre numa busca de acesso ao inconsciente. Sei que o trabalho com esses terapeutas, com quem estive por um longo tempo, e com esse grande artista, possibilitou que eu acessasse e fizesse a leitura da importância do que acontecia no trabalho com Sergio.

O grande prazer de Sergio, nesse processo que aconteceu entre os meses de abril e maio de 2011, sempre foi o de dizer, de interpretar. Era um ator em estado de graça. Eu me surpreendia. Tinha uma doçura, uma dor, uma profundidade que eu não conhecia. Era um novo Sergio que se revelava para mim, foi um ritual de despedida.

Isalbe gava jithe

Isalbe gava jithe

Sergio Pedro Correia de Manta

Sergio Pedro Correia de Manta
Bretto

Sergio Brotha

22 de abril

Isalve gavaguthe

Isalbe gavaiguulra

Sergio Pedro Corrêa de manhã

Sergio Pedro correbleia da ja

Britto

Sergio Brotha

Sergio Brita

Sergio Brita

N sei primeiro entable
ao quinto

22 de abril

Sergio Britha

Sergio Brotha

n sei primeiro entable

ao quinto

ri

amankici

noite

desum

desumba

22 de abril

ri

amanhici

noite

clesum

clesumba

luar

são

shão

elustica

lecitica

22 de abril

luar

são

shão

elustica

lecítica

luar

tiava

rio

Rio

estrada

caminho

hoje e sabado

23 de abril

luar

riova

rir

Rio

estrada

caminho

hoje é sabado

sabado

domingo

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sabado

23 de abril

sabado

comingo

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sabado

hoje é sabada

amanhã é do
domingo

domingo

segunda

terca

quarta
quinta

sexta

23 de abril

hoje é sabada

amanhã é do

dombingo

domingo

segunda

terça

quarta

quinta

sexta

sebada

um estufo

ates

atzição
ou
alção

lauro

23 de abril

sabada

um estiulo

ates

alzirão¹

alção

lauro²

¹ Alzira de Freitas Brito é mãe de Sergio Britto. Alção também se refere à mãe do ator.

² Lauro Corrêa de Brito, pai de Sergio.

fruta do conde

mangai



abacaxi

cabeça

santa tereza

3 de abril

fruta do condi

mangai

abacaxi

cabeça

santu tereza³

³ Sergio morou, no final de sua vida, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

24 de abril

Hoje é da 24 de habril de dois mil e xugians.

Hoje é sem duvida domingo Hoje tem filha

xagel

com bons climas para seu

HOJE É O FLA FLUM⁴

24 de abril

Sergio: Ter coragem possível de atacar cada imagem na cabeça das pessoas.

A tentativa de burilar as tentativas de se exprimir sobre o que pensa, o que deseja, e sua capacidade de sua maneira muito jovem e muito em aberto sobre os pensamentos que virão ao texto. Que por mais que pareça um perigoso jogo de palavra, no fundo, é uma busca constante de se encontrar um possível estilo de comunicação.

⁴ Sergio Britto sempre foi um apaixonado pelo Fluminense.

Hoje é da 24 de habit de dois mil e
sugians. Hoje é sem duvida domingo
Hoje tem filha xagel

~~Hoje está~~ com bons climas para seu

HOJE É O FLA FLUM

A lembrança de uma sala lembra contatos
amigos.

É muito bom ter o seu sergio sentado em
sua bucataria.

24 de abril

A lembrança de uma sala lembra contacques amorosos.

É muito jovem têr o seu Sergio sentado em sua bucenaria.

O Paulinho tem na brilhante escolha uma perfeita visão dos eventos mais constantes e mais corajosamente pensados.

Naime é um gato, acima do ~~beta~~ beta e do mãe.

Naomi é um ganta que vive em nossa casa.

24 de abril

O Paulinho⁵ tem na brilhante escolha uma perfeita visão dos eventos mais constantes e mais corajosamente pensados.

naime⁶ é um cato, acima do benha e do mâu.

naiomi é um ganta que vinte em nossa case.

⁵ Paulinho é Paulo Cesar Brito, sobrinho de Sergio, coautor deste livro.

⁶ Naominho, o gato preto de olhos verdes do ator.

25/Abril/2011.

Hoje é segunda-feira
Hoje é segunda-feira

~~Meu~~ nome é Sergio Pedro Correia de
~~Freira~~

Meu nome é Sergio Pedro Correia de
Freira

25 de abril

Hoje é segunda fesão cereira

Hoje é segunda feira

é sergio pedra correreia de britim

meu nome é sergio pedro corrêa de preido

25 de abril

Paulo: Onde você mora?

Sergio: Eu moro e continuo a morar em algum lugar parecendo muito a realidade do cotidiano, e tentando, nesse cotidiano, me identificar Sergio ator e um provável diretor.

Paulo: Como foi o começo de sua profissão?

Sergio: A ideia da profissão começa quando minha provável carreira de ator toma um sentido. O meu sentimento é a noção de que eu estava vivendo uma sólida situação. Eu percebia que estava raciocinando em termos de uma identidade inesperada, mas altamente compreensível.

Paulo: Onde você está? Que lugar é esse onde estamos?

Sergio: Estou morando um pouco confuso. Eu estou me sentindo bem.

Eu me lembro quando ainda estudava no colégio ginásial.⁷ Um clássico, a porta do colégio, típico da porta do colégio e, na realidade, um encontro quase que diário. Como uma possível realidade.

Tinha o homem que vendia, o baleiro, e que tinha a coragem de insinuar uma possível realidade entre os jovens da minha idade. Eu tinha 16, 17 anos. Eu já estava falando de uma experiência mal vivida, entre eu e os meninos da minha idade.

Eu tomei um susto. Eu tinha um colega que frequentava a minha sala de aula, mas que me assustava por um permanente viver uma experiência de que nós não sabíamos ainda o que

⁷ Sergio Britto estudou no Externato São José dos Maristas, na Tijuca, Rio de Janeiro.

era, e que era um difícil sofrer de maneira bastante doentia a dor do encontro difícil de controlar.

Tinha estudante de medicina⁸ que frequentava a minha casa; ele era homossexual mal resolvido. Um dia me veio à tona uma compreensão mais aberta de toda história. Sem dúvida, eu e o meu colega da quinta série ainda não tínhamos noção de nossa permanente e dolorosa introdução.

A gente tem que estar feliz da vida complicada que conseguiu.

Paulo: Vamos falar sobre algumas pessoas? Me fale sobre Chica.⁹

Sergio: Durante alguns anos parecia uma empregada muito esquisita. Muito desligada, de uma possível e aparente, de uma capacidade de uma aparentemente impossível boemia. A surpresa maior é que a Chica não sabe nada, e fantástico: sabe tudo.

Paulo: E a Isabel Cavalcanti.¹⁰

Sergio: De tudo que eu fiz em teatro, a direção que ela me deu no inesquecível Krapp era sem nenhum esforço o jogo mais lindo de entrega. Inesquecível vê-la no fim de cada espetáculo dar um pulo em cena para beijar e cumprimentar o amigo diário. *A última gravação de Krapp* era algo profundamente capaz de deixar em aberto uma paixão, uma dosagem do que pode ser teatro como a gente não conhece, especialmente quando não se tem a Isabel perto de nós.

⁸ Sergio Britto se formou em medicina, em ginecologia e obstetrícia. Dois anos depois de formado, trocou a carreira de médico pela de ator.

⁹ Chica trabalhou como empregada doméstica na casa de Sergio Britto por 36 anos. Foi sua amiga e companheira de idas ao teatro e ao cinema. Muito presente na vida de Sergio.

¹⁰ Isabel Cavalcanti, atriz e diretora. Dirigiu Sergio Britto em 2008, na *Última gravação de Krapp* e em *Ato sem palavras 1*, de Samuel Beckett.

A Isabel Cavalcanti é um grande personagem. Ontem ela esteve aqui. Eu senti a Isabel um pouco defendida. Eu estou num mundo muito próximo do melhor que eu posso querer ser. Mas em compensação...

Meu sobrinho é uma pessoa sempre em alta disponibilidade para se encontrar com o melhor de uma possível memória a dois.

Estou vendo um gato. É um gato preto.

Eu gostaria de conseguir demonstrar que a imagem emocional marcadamente visível ainda nos fala com precisão e mesmo perdendo aqui e ali. Mesmo perdendo um pouco da memória, aqui e ali, carregada ou não pela necessidade das mais sugestivas situações, não posso deixar de reconhecer que é verdade admitir que essa apaixonante entre dois indiscutíveis reencontros.

(Sergio fala com Suely Franco¹¹ pelo telefone.)

Eu quero encontrar um caminho de escrever bonito como vocês merecem.

26 de abril

seu sergio é meu comocante

parudaeíro, mesmo carinhando mo enoic

¹¹ Suely Franco, atriz e grande amiga de Sergio. Atuaram juntos em alguns espetáculos, e foi dirigida por ele.

com emocional, sempre esteve altamente
Verdadeiro no seu emocional.

seu vergio é meu conecante

parudacio, mesmo carinhando eu
euac

26 de abril

Paulo: Sergio, onde você está?

Sergio: Estou na casa de minha mãe, embora neste segundo andar saiba muito pouco da sala de três andares que caracterizam a sala pensada como de três andares.¹²

Eu estou neste quarto aqui, eu posso no mínimo imaginar que, bebendo minha agradável qualidade de bebida, sem dúvida, posso pensar que a Chica com certeza já sabe o que quer como uma provável mostra que lembra, para ela, uma constante lembrança do que se pode pensar como, sem dúvida, do que Chica absorve todos os dias.

Paulo: Me diga palavras com C.

Sergio: Casal.

Caderno.

Casa.

Cadeira.

Cebila.

Cedília.

Corpo.

Coração.

Função agora é cada vez mais a minha memória.

Registrar.

Todo dia ela faz carinho com o amor dela.

¹² Se referindo à sua própria casa de três andares, em Santa Teresa.

Paulo: Qual é a dificuldade?

Sergio: Edifício.

Frovo.

Calto é uma pessoa capaz de ser calta na vida.

Clima.

Paulo: Quente.

Sergio: Clente. Crente.

Paulo: Acreditar.

Sergio: Devagar.

Sergio: Feliz. Feliza.

Paulo: Silêncio.

Sergio: Fertio.

Paulo: Lembrar.

Paulo: Lembrança.

Sergio: Trabalho.

Paulo (*depois de falar ao telefone*): Bebel¹³ manda um beijo e diz que vem na quinta às 15h30.

Sergio: O que eu quero do Paulinho é o amor do Paulinho.

Eu muito pensei em encontrar as pessoas — cinco — dramaticamente avaliáveis.

¹³ Apelido carinhoso de Isabel Cavalcante.

Eu acho que tenho que pensar um pouco antes de gravar. Mas eu vou gravar o quê? Esta é a pergunta capital.

Na verdade, nós temos de pensar no produto a ser avaliado seriamente. O grande problema, que é pura excitação, é que se pensa numa possível memória.

Eu acho que eu me deitar nesta cama é sem dúvida uma apaixonante proximidade de descobrir que eu já sei o que eu quero.

Eu, de certa forma, não posso recusar o apaixonante jogo de palavras. Mas pode partir para outra coisa. Mas isso está bom.

Ahaauh!

Porta.

Mão.

Cama.

Pé.

Vigor.

Vida.

Elis Regina.

Dalva de Oliveira.

Clementina de Jesus.

Orlando Silva.

Raiva.

RAIVA.

TRAVA

ahaauah

porta

mão.

cama

pé
Vigor.
Vida.

Elis Regina.
Dália de Oliveira.
Clementina de Jesus.

Orlando Silva.

Raiva.
RAIVA

TRAVA

27 de abril

Sergio: Minha noite começou bem. Eu precisava dormir.

Vendo o início de minhas perguntas, como você, meu apaixonado. Meu querido amigo é sem dúvida uma presença.

Não posso deixar de reconhecer a permanente importância do meu querido.

É difícil chegar à conclusão.

Eu todo o tempo pensei em me expressar. Eu tentei me controlar procurando todo o tempo a possibilidade de ser.

Toda vez que eu pensei que eu podia falar...

Todo o tempo que eu tentei um caminho mais rico para os meus desejos. As dificuldades de superar os medos têm de ser encaradas normalmente.

Eu praticamente estava deitado na cama, eu estou tentando rearticular agora.

É de perguntar o que está acontecendo ou tentar falar com Paulo Mamede.¹⁴ Paulo Mamede, o que está acontecendo?

Paulo: Você acha que o Paulo Mamede tem respostas?

Sergio: Sim.

Paulo: Por quê?

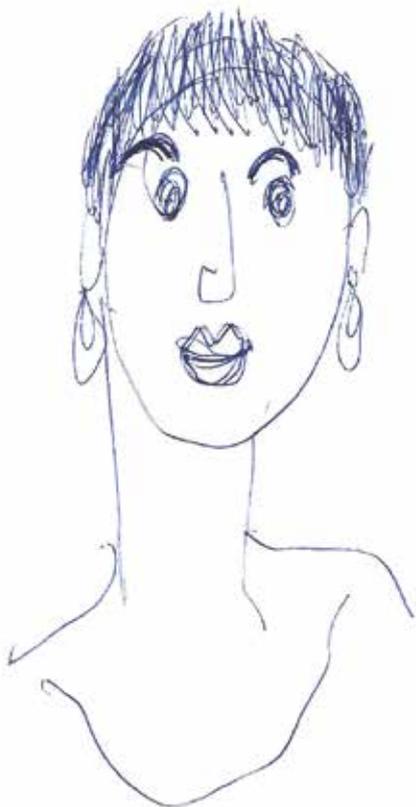
¹⁴ Paulo Mamede, amigo, artista plástico, diretor de teatro. Criou com Sergio Britto e com sua esposa, Mimina Roveda, o Teatro dos Quatro.

Sergio: Porque Paulo Mamede é um homem permanentemente ligado a tudo de mais dramático e mais confuso que acontece no teatro brasileiro.

Eu queria perguntar ao Paulo Mamede alguma coisa que ele nos dê, alguma dramaticidade do que acontece.

Paulo: Pra você, quem é o Paulo Mamede?

Sergio: Ele é uma pessoa importante pra mim. Porque é uma pessoa constantemente dramatizada com o acordar da vida dele mesmo.



Estou tentando encontrar um ponto de apoio sobre a memória do Paulo Mamede.

Porque, por enquanto, perguntar ao Paulo Mamede ainda é cedo.

Como Paulo Mamede está reagindo a esse comentário? Se ele, Paulo Mamede, está precisando ver a pessoa de última hora. Gostaria que Paulo Mamede viesse a me telefonar para falar de sua novidade hoje de manhã.

Paulo Mamede é muito de ouvir. É muito de se perguntar o que está acontecendo. Você, como meu sobrinho, meu amigo, também pode perguntar ao Paulo Mamede o que está acontecendo.

Essas interrogações na memória de Paulo Mamede são importantes.

Eu me vi muitas vezes no Paulo Mamede.

Paulo: O que você viu no Paulo Mamede?

Sergio: Certo sofrimento em ver Paulo Mamede. Aparentemente eu via em Paulo Mamede o sofrimento de estar perdendo uma pessoa amiga. A pessoa amiga imediata era o Sergio Britto.

Paulo: Vocês nunca deixaram de se ver...

Sergio: Paulo Mamede e Sergio Britto não se perderam porque são amigos já de algum tempo. Eu acredito que Paulo Mamede esteja em claro sentimento de dívida com seu elemento masculino.

Paulo: Podemos explorar um pouco o Sergio Britto?

Sergio: Pode. Deve.

Paulo: Como está o Sergio Britto hoje?

Sergio: Sergio Britto nesse amanhecer é uma pessoa absolutamente dramatizada pela possível pergunta de Paulo Mamede.

Na verdade eu quero saber alguma coisa de Paulo Mamede e eu quero saber a resposta.

Eu acho que Sergio Britto e o Paulo Mamede estão querendo saber como o outro se sente.

(Pausa para trabalho corporal.)

Sergio: Entrando por um emocional que não tinha se revelado até agora.

28/Abri/2011.
3ª feira.

Vinte eito de Harris

Sergio Pedro Correia de Brito

Sergio Pedro Correia de Brito.
Brito

a luz que vem da janela abulta me con-
funde: afinal é muito cedo se o som do
dia não é dos mais ^{claros?} (claros)

Eu quem? O ator? O profissionalmente?
que trabalho o mais provocador?
(provocador).

Acho me ligeiramente acordado, apenas
sete e um, sete

Não havia ingenuidade possível. São sete
da manhã

28 de abril

vinte e oito de havris

sergio pedro corrêa de rito

sergio pedro corrêas de rebrito

brito

a luz que vem da janela aberta me confunde:
afinal é muito cedo ou o som do dia não é dos
mais brancos?

Eu quem? O ator? O profissiolamente?

Que trabalho o mais provocasdor?

Acho-me ligeiramente acordado apenas sete
e mil, sete

Não havia ingênua possível, são sete da morinba.

~~Este em São~~

Este em Santa Teresinha em minha Tereza.
É bem cedo ainda. Luz está bem clara,
mas não havia discussão possível, é cedo
de verdade, sem nenhum tipo de corolário.

Bom sou eu? Lavo, lavo, ~~lavo~~ me
despedir meus trabalhos esse ~~trabalho~~ ~~feito~~
(insistente)

da confusão

(eu pergunto: como melhorar a confusão?)

Signi Eu preciso urgente, quando o dia clarear,
ante o céu de mi, levo pra claudia meus
clara do lua. Da lua não, da luz.

P.C.: você está buscando a luz.

Signi Eu quero ficar conversando sobre confusão
dentro da minha cabeça, antes que o
cansado, o dramático, a indecisão das coisas,
tudo isso deixando dificuldade para o
intencionalmente maior.

Este em Santa Tereza em minha Tareza.

É bem cedo ainda. Luz está bem clara, mas não havia discussão possível, é cedo de verdade, sem nenhum tropeço de cordade.

Quem sou eu? Lavo, lava desperdiço meus trabalhos esse insfancio (instante) da confusão

Paulo: Como melhorar a confusão?

Sergio: Eu preciso urgente, quando o dia clarear, gente capaz de me levar pra claridade mais clara da lua. Da lua não, da luz.

Paulo: Você está buscando a luz.

Sergio: Eu quero ficar conversando sobre a confusão dentro da minha cabeça, antes que o cansaço, o dramático, a indecisão das coisas, tudo isso deixando dificuldade para o entendimento maior.

Eu duvido ainda, mas preciso acreditar que existe uma possibilidade de tocar no caminho mais certo, o mais importante na história do mais afeitadamente jogo que o Carlos¹⁵ pode me ajudar a vencer. Vou parar por aí.

Qualquer tentativa de me reencontrar com o melhor do meu querido sobrinho Paulo Cesar é um sonho sempre presente de reencontrar.

Paulo: Você quer dormir?

Sergio: Eu gostaria de dormir um pouquinho. Eu gostaria de tirar esse travesseiro. Não sei se é impressão minha ou se eu posso dispensar o travesseiro.

Eu acho que eu tenho de esperar ainda um tempo para tirar o travesseiro. Eu espero que meu sobrinho Paulo Cesar tenha paciência pra me ver nesse tempo.

(Sergio cobre o rosto com o lençol. Paulo ia sair do quarto, mas Sergio continua a falar.)

Quem vem me deixando numa dificuldade, infelizmente, cada vez maior. Vamos procurar um raciocínio capaz de determinar uma solução; uma solução passageira que seja — uma emocionante. E a certeza que agora não há outra saída. É hora de reconhecer, eu preciso realmente cair numa cama e lá tentar uma solução.

O mais importante pra mim, pra que eu chegue à certeza de necessidades bem claras, sem dúvidas, uma matéria sem discussão, mas muito definitiva sobre a compreensão de um possível material de um caminho bem concreto sobre teatro.

¹⁵ Carlos era o fisioterapeuta de Sergio Britto.

Paulo: Você conhece a expressão “não apresse o rio”?

Sergio: Calma que o rio vai chegar.

Não sei quando é que vou começar um caminho de uma possível criatividade dos meus textos teatrais.

Há duas maneiras de se defender de qualquer prática necessária. Uma é se acostumar com a ideia de uma possível. Eu vejo dificuldade de me manter ligado a esse sono genuíno. Nos últimos tempos, antes de voltar a qualquer pretensão de trabalho, de manter um pretensão contato dramático, eu preciso ter a coragem de admitir que estou me encontrando numa grande perda de tempo.

Querido, eu não posso te pedir nada além do que você está me dando. Você vai manter a minha pergunta final? A pergunta: você consegue ainda se imaginar encontrando uma saída para um raciocínio satisfatório?

Paulo: Consigo.

Sergio (com os olhos fechados): Me dá um beijo.

(Sergio dorme.)

(Ao acordar): Tudo seja bem pra nós.

Está tudo muito banal.

(Inicia-se sessão de fisioterapia, com Carlos.)

É impressionante como você foi sempre muito simples nos trabalhos de movimentos *(para Carlos)*.

O curioso é que os meus movimentos nas suas mãos sempre foram especiais. Eu nunca pensava em encontrar movimentos dramáticos e cobradores.

(Terminada a sessão de fisioterapia, Sergio começa a falar sobre seu programa de televisão Arte com Sergio Britto, na TV Brasil.)

Eu quero saber o seguinte: no momento eu me sinto uma pessoa ainda envolvida dramaticamente, é verdade, mas ainda sem dominar a tentativa de me imaginar outra vez, um processo de esbarrar com um sentido dramático com o que acontece diariamente.

Você deixou muito claro que você já fala e eu ainda não.

A paixão de seu trabalho aparentemente muito superficial, mas longe disso. Isabel Cavalcanti é um talento, é um espaço dramático muito respeitável. Eu espero algum tempo ainda, mas tenho certeza que com Isabel vai ainda acontecer um pouco do prazer que é administrar a dramaticidade de um texto.

(Sobre a leitura da peça O canto do cisne, de Tchekhov, que Sergio Britto, Isabel Cavalcanti e Paulo Brito fizeram juntos.)

Sabujos-milho. É uma peça que eu vou ter que ler com atenção.

Isabel é um talento natural. Seu acordo repete melhor que ninguém o sucesso; um texto inesquecível de Isabel.

O Sergio Britto, volta e meia, solta um possível suspiro do melhor jogo do barão que é, em princípio, o resumo do seu Krapp.¹⁶

Não é fácil transitar com o poder de uma Chica que passa, entra e sai.

¹⁶ Krapp, personagem de Beckett representado por Sergio Britto em 2008.

Pra mim a Chica é algo sem solução. Ela mesma não tem nenhum pudor em se defender e, ao mesmo tempo, salvo seja, é pura pretensão.

Ela é capaz de enfrentar um jogo de palavras, uma verborragia capaz de manter de maneira muito sólida toda uma opinião.

Chica é muitas vezes uma mulher obcecada pelo Senhor do Bonfim. Muitas vezes tem o seu estilo de religião muito bem compreendido por todos.

Noite.

29 de abril

Paulo: Hoje é sexta-feira.

Sergio: Paulo tem um trabalho de raciocínio com as minhas alterações físicas.

O que eu preciso é saber como o nome de Paulo Cesar vai participar do programa Sergio Britto. Eles tentam colocar Sergio Britto.

O programa no Rio está sendo lançado com Sergio Cardia.¹⁷

Eu estou me sentindo positivo nesse dia 29 de abril. Eu sinto, por outro lado, que há todo um encontro, um esbarrão, um comentário permanente, impossíveis de raciocínios meus em relação a datas prováveis.

Sempre fica a dúvida se a gente está fazendo o melhor raciocínio, isto é, determinando claramente qual seria a melhor escolha de uma provável situação capaz de determinar uma data mais próxima daquilo que já sabemos. Uma possível data marcada.

Você sempre pensa o melhor pensamento filosófico sobre a nossa conversa, e você sabe, por outro lado, que eu espero todo o tempo que você já tenha em movimento na sua cabeça algo muito parecido com o que deve acontecer.

Estou dizendo claramente que eu sei que você já tem armada no seu jogo de palavras a situação que pode me preocupar, mas, ao mesmo tempo, capaz de solucionar outra saída.

¹⁷ Amigo de Sergio e produtor do programa Arte com Sergio Britto.

Até que ponto, eu me pergunto, o meu querido Paulo Cesar é um comentário vivo sobre o que acontece no programa Grande Teatro.¹⁸

Paulo: O seu programa é muito importante pra você.

Sergio: Arte com Sergio Britto é um caminho; o difícil é imaginar que ele nos dê uma solução final para todo o nosso dilema.

Ao lado de acompanhar e entender bem o que está acontecendo em relação a tudo que se passou, é de certa forma altamente positivo, mas ao mesmo tempo em que, por mais que eu não queira me assustar, certo medo me cutuca nos olhos.

Paulo: Não apresse o rio.

Sergio: Tudo aquilo que pode ser um movimento em relação ao mar. Eu posso, se eu quiser, não há nenhum motivo para eu não poder sonhar imediatamente com a ideia de um produto nítido, perfeito, absolutamente certo do jogo possível de palavras comigo.

Eu tenho de raciocinar sobre todas as pessoas que se preparam para montar um texto que já está totalmente delineado. Acredito que as pessoas que estão em contato imediato com a minha proposta só esperam um movimento final de aplauso para que tudo se concretize.

Eu gostaria de passar para as pessoas envolvidas nesse processo final o raciocínio, a certeza de não dar mais para falhar, que tudo aquilo que se esperava de positivo de um ato dramático muito simples, muito completo, não justificava mais nenhuma

¹⁸ Grande Teatro foi um programa semanal, que durou mais de dez anos na TV Tupi e, mais tarde, na TV Rio.

confusão. E, no fim, a certeza de que o projeto pensado sobre todos os conformes, sobre todas as pessoas possíveis acompanhantes do melhor processo, não tem mais motivos de errar a votação final.

Eu gostaria muito que isso fosse pra você a certeza que encontre em mim a pessoa que fosse merecedente¹⁹ de um raciocínio absolutamente seguro. Assunto encerrado! Encontramos a trilha, a estrada, o caminho.

Paulo: Você se lembra de um filme chamado *O enigma de Kaspar Hauser*?

Sergio: Enigma?

Eu acho que às vezes é uma resposta muito armada que não significa nada.

Eu lembro que havia um ator dramático que marcou muito forte uma época. Eu queria lembrar o nome dele, mas não consigo.

Gongesta.

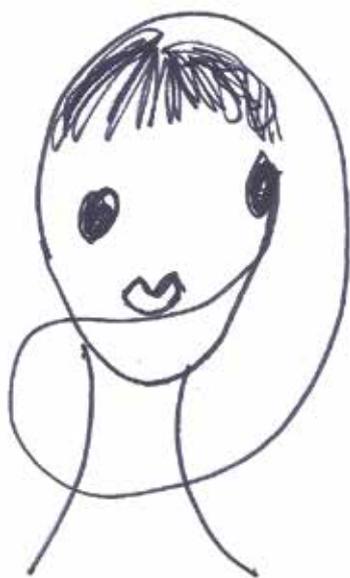
Paulo: Peter Lore.

Sergio: Peter Lore foi dirigido por Fritz Lang, que é a história de um assassino de crianças, *O vampiro de Dusseldorf*.²⁰

E o vampiro era apresentado com grande profundidade. Eu me lembro que na época se discutia muito até que ponto uma história tão tenebrosa poderia aparecer num filme. Havia uma sequência no filme inesquecível:

¹⁹ Merecedente é uma palavra que Sergio sempre usou, quando se referia a merecedor.

²⁰ Sergio Britto sempre foi apaixonado por esse filme. Em suas aulas, citava-o para seus alunos como um grande expoente do expressionismo alemão.



W

O Urubico, personagem que Peter teve era muito impressionante. O público acabava se fixando seriamente na imagem do assassino. Era impressionante a ~~re~~esperando a filha que não chegava no horário. Uma pulma com alôa, com alôa quadrada. Com o passar da história, Peter teve infante a direção mais objetiva.

Nessa época o filme foi um sucesso enorme.

Quando eu voltei os pulsos eu fui acobado num hospital e quase defronte ao meu quarto havia uma aprisionante aproximação de jirons cantores, todos trabalhando com a possibilidade da recuperação do assistente.

Relato da aula com Carlos e o Paulinho.

~~A aula~~

A aula foi sempre muito controlada pelo nosso "professor", o Carlos. O Carlos mostram os movimentos mais

O vampiro, personagem que Peter Lore representava, era muito impressionante. O público acabava se fixando seriamente na imagem do assassino. Era impressionante a mãe esperando a filha que não chegava no horário. Uma senhora bem alemã, bem alemoa, quadradona. Com o passar da história, Peter Lore enfrenta a direção mais objetiva.

Nessa época o filme foi um sucesso enorme.

Quando eu cortei os pulsos²¹ eu fui acabar num hospital e, quase defronte ao meu quarto, havia uma apaixonante aproximação de jovens cantores; todos sonhando com a possibilidade da recuperação do Assis Valente.²²

(Relato da aula com Carlos e Paulo Cesar.)

A aula foi sempre muito controlada pelo nosso “professor”, o Carlos. O Carlos mostra os movimentos mais...

²¹ Sergio cortou os pulsos no Hotel Atalaia, em Copacabana, Rio de Janeiro, durante um veraneio com sua família, nos anos 1940.

²² Assis Valente, grande sambista mineiro, que compôs várias canções para Carmem Miranda, também tentou suicídio muitas vezes. Na ocasião da tentativa de suicídio de Sergio, ambos se encontraram no pronto-socorro. Assis Valente havia se jogado do Corcovado.

exatos, sempre cobrando de nós uma
construção detalhada, e, ainda mais,
~~maravilhosa~~ marabótesca que nos deixa do-
municados de uma acção bastante contraditória.

O meu querido ~~de~~ sobrinho é encantado
expressionista e todo o tempo, apelando
(expressivo) (cabi)
à iconografia do Cabe, com a maior rigore-
(Unicidade)
dade.

"Quanto mais você está perto de mim
mais eu quero".

Paulinho: "esse texto é um material para
um livro. Você acha que tem material?"

Sígnis: eu acho.

Paulinho: "e quem é a personagem principal
dese texto".

Sígnis: "quemamos na mãe, eu sou o
personagem".

...exatos, sempre cobrando de nós uma construção detalhada, e, ainda mais, narrativa que nos deixa dominadores de uma ação bastante controlada.

O meu querido sobrinho é encantador, expressionista, e todo o tempo repetindo a coreografia do Carlos, com a maior vivacidade.

Sergio: Quanto mais você está perto de mim, mais eu quero.

Paulo: Esse texto é um material para um livro. Você acha que tem material?

Sergio: Eu acho.

Paulo: E quem é a personagem principal deste texto?

Sergio: Queiramos ou não, eu sou o personagem.

30 de abril

Paulo: Hoje é sábado.

Sergio: A tua vida pessoal está boa?

Paulo: Eu estou bem... E você?

Sergio: Eu me localizo. Na verdade, eu tive uma tentação de experimentar o que eu deveria estar localizando, e eu localizei um ponto bom, eu acho que eu me localizo no 68. Seis seria oito. Quando eu me lembro que seis podia ser oito, eu estou pensando que seis podia ser um quatorze.

Eu acho que o sono capaz de marcar certo equilíbrio no provável zero. É que o sono que mostra certo equilíbrio, é que no sono não existe nenhuma boa dica.

Eu sinto que estou acordado, mas não estou até agora com nenhuma imagem muito definitiva. Eu tenho consciência que era muito escuro, mas era de dia.

Eu tenho sempre na minha cabeça uma esperança de estar num bom caminho. Eu tenho a esperança de estar num bom caminho.

Eu sinto em geral que eu posso pensar em procurar nas imagens, tinta.



Eu sinto em geral que eu posso pensar
em procurar nas imagens tinta.
É ~~isso~~ curioso que quando você estava ouvindo
as palavras, muitas ^{vezes} você ~~ouvia~~ ^{ouvia} ~~o~~ ^o ~~to~~ ^{to}. Este já
nunca ouvindo um cominho?

Paulo Leon: acho.

O ouvido, atento. Ouvido é o, atento
é t, o ta.

~~atento~~

atento

P.C.: você acha que eu ouvindo te ajudou?

Sérgio: eu acho que sim. O jogo de palavras
é enriquecedor das duas personalidades
que estão em choque conosco.

Eu entendo que você começa a sentir uma
brinquagem que vai deitar a mostra uma
possível palavra inspiradora. Eu acho
que daí ~~o~~ adiante a gente não consegue
mais.

Você tem uma tendência a receber imagens
e situações altamente descritivas, afirmativas.
Acho que por outro lado que a nossa afecção
concorda até aqui está levando toda a nossa
conhecida mais seria para um lado
ponto de.

Nos temos pelo menos nitidamente uma

É curioso que quando você estava anotando essas palavras minhas, e me provocando... Você também está para mim abrindo um caminho?

Paulo: Acho.

Sergio: O ouvido atento, ouvido é o, atento é t, o ta.

Atento.

Paulo: Você acha que eu anotando, te ajudo?

Sergio: Eu acho que sim. O jogo de palavras é enriquecedor das jovens personalidades que estão em choque conosco.

Eu entendo que você começa a sentir uma linguagem que vai deixar à mostra uma possível palavra inspiradora. Eu acho que daí adiante a gente não consegue mais.

Você tem uma tendência a receber imagens e situações altamente descritivas, afirmativas. Acho que, por outro lado, a nossa aparente conversa até aqui está levando toda a nossa caminhada mais séria para um lindo sentido.

Nós temos pelo menos nitidamente uma...

...capacidade de estar livre, de não estar com certeza na banal caminhada de uma planificação fácil de concluir.

O meu trabalho, num determinado momento muito nítido e muito definitivo, mostrou algum caminho que cada vez mais eu sei que foi o meu caminho, o meu desejo e a minha possibilidade de estar construindo um texto para Isabel, e um texto que chocou, por exemplo, o grande criador de uma imagem dramática. Estou falando do pintor que era ao mesmo tempo o ator, o diretor, o pintor para ser mais exato, aquele que sabia bastante de tudo e em momento algum vacilou aos movimentos que eu precisava.²³

Nós tínhamos subido as ladeiras de Santa Teresa²⁴ e a presença do pintor mais importante, do artista capaz de colocar em cena toda a simplicidade do que estava sendo pensado. Aparentemente era fácil achar que o maior temperamento, a maior dramaticidade do nosso ensaio, estava sendo colocada com toda nitidez possível. Não havia mais nem a poesia possível e principalmente nenhuma tentativa do encontro básico, verdade, mentira, meu corpo precisando segurar a minha ansiedade, e a certeza de que a resposta final já estava articulada.

É o Fernando Melo.²⁵ É incrível. Esse homem chegou nos ensaios e provocou vários choques em pessoas que não o entenderam!

Paulo: Você está defendendo a obra, a criação.

²³ Sergio Britto se refere ao cenógrafo Fernando Melo.

²⁴ Sergio costumava ensaiar na Companhia dos Atores, que fica em Santa Teresa, no alto de uma escadaria.

²⁵ Fernando Melo, cenógrafo. Realizou a cenografia das peças *A última gravação de Krapp e Ato sem palavras I*, quando encenadas por Sergio.

Sergio: Na verdade, a minha diretora, a Isabel Cavalcanti, encontra sempre suas maiores dificuldades quando pensa que um gênio como Fernando Melo está acima do bem e do mal de maneira absoluta.

Nós temos um problema a mais com a peça.²⁶ Que a tradução que existe é bastante convencional. A preocupação da Bebel é que é uma peça com os direitos autorais bastante complicados e ela não quer que haja bastante do mais sólido encontro entre Isabel e Fernando Melo.

Você tem emocionalmente uma relação muito bonita com as coisas próximas a você.

Você está muito legal emocionalmente pra me manter em contato, difícil ou não, mas sem dúvida um encontro com os personagens da luz de quarta-feira.

Eu acho que a gente se respeitava, se gostava, mas acho que quando a gente começou a trabalhar no meio desse clima, no meio de coisas tão loucas, tão únicas, precisamos completar uma frase e encerrar o assunto.

(Relato da aula com Carlos e Paulinho.)

O mais interessante da aula é ver o Carlos colocar cada um de nós em sólidas posições de coreografia. O Carlos nos faz dançar.

O meu sobrinho Paulo Cesar acabou também entrando no jogo e acabou acompanhando a dança da dona: 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40.

²⁶ Sergio se refere à peça teatral *O canto do cisne*, de Tchekhov, que, sob a direção de Isabel Cavalcanti, ele encenaria se não houvesse adoecido no final de março de 2011.

(Sergio faz a contagem gesticulando com a mão direita.)

O Carlos às vezes se perde na direção: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.

Mas ele sabe do movimento planejado dedo a dedo.

Carlos e eu sempre tivemos uma relação meio complicada. Toca a campainha, eu vou atender ou a Chica vai atender. Aí o Carlos entra e usa movimentos para mim difíceis e repete esses movimentos até o infinito.

(Sergio Britto faz movimentos com as pernas enquanto fala.)

Geralmente eu vou pra rua com ele, atravesso o sinal de trânsito, ando no mínimo uns dez passos ao lado do Carlos. Paro. Converso com o Carlos. Uso outra vez a minha perna esquerda. Agora a minha perna direita. Aí a minha perna esquerda. Minha perna direita. Minha perna esquerda. Carlos atravessa o trânsito comigo. A perna esquerda. Depois atravessa a perna direita.

Já andamos na avenida defronte à minha casa. Atravessamos a rua, abrimos a porta da casa. O Carlos me faz entrar. Dentro da sala começa uma ação trocada entre direita e esquerda. Agora levanto a minha perna direita

(Sergio levanta a perna direita.)

Desço, levanto a minha perna esquerda (*levanta a perna esquerda*). Levanto a minha perna direita e a minha perna esquerda.

O trabalho que eu faço com meu sobrinho é algo muito especial. A troca dos passos, ora a direita, ora a esquerda, são momentos de grande prazer. E o encontro com meu sobrinho é algo que está interagindo tudo de melhor que me acontece no

plano dos novos espetáculos. Exemplo declarado e indiscutível, o de Tchekhov, com Isabel Cavalcanti e Cláudio Daniel.²⁷

A morte de Helio²⁸ no hospital foi um momento trágico. O Helio teve, além de uma esposa maravilhosa, que ele perdeu relativamente cedo, encontros com mulheres muito espertas, sempre capazes de encontros superficiais, mas válidos.

Eu tive muita pena de não ter aproveitado as últimas semanas da doença do meu querido Helio.

A Nena²⁹ é uma paixão muito especial. Não esqueço um instante da Nena, mulher do meu irmão. Acabava o jantar, Nena e Helio eram dois apaixonados se vendo personagens de uma relação humana muito rica entre dois constantes apaixonados físicos, marido e mulher.

Eu viajei pra Índia com a Nena ainda muito doente, e viajei também com o mesmo sofrimento com pequenos momentos em que o Pedrinho³⁰ estava mal. Ele falava de sua possibilidade de morrer cedo e isso acabou acontecendo. Eu perdi Pedrinho em Teresina, Piauí. E perdi a Nena ainda na nossa velha casa de Vila Isabel. Os dois, Pedrinho e Nena, acharam natural que eu quisesse vê-los em momentos finais de sua vida. Não foi uma combinação perfeita. Mas a memória do amor ao Helio e à Nena fez com que os dois fossem para nós duas imagens inesquecíveis.

²⁷ Cláudio Daniel, ator, que encenaria Tchekhov com Sergio Britto.

²⁸ Helio, falecido em 2004, irmão de Sergio Britto e pai de Paulo Brito.

²⁹ Nena, cunhada e amiga de Sergio, esposa de Helio e mãe de Paulo Brito.

³⁰ Pedro Veras, ator e grande amigo de Sergio Britto.

É estranho que eu tenha um encontro tão rico com você, apesar de que nosso amor e nosso carinho nunca tiveram tempo ideal para o final da história.

(Sergio e Paulo fazem uma leitura do Canto do cisne, de Tchekhov.)

Sergio: Eu tenho que saber os ataques. Cada vez que ele tem uma imagem, ele tem uma imagem que o incomoda. Tem que se aprender o texto. Não tem jeito.

Paulo: Que nota você dá à nossa leitura hoje?

Sergio: Nossa leitura, eu penso que a ideia do que está escrito começa a ajudar a compreender o que está tentando. A nota da leitura já me ajuda a pensar que nota realmente chega ao público.

1º de maio

Paulo: Hoje é domingo.

O Ítalo³¹ me ligava quase todas as noites enquanto você ainda estava na UTI. Ele sempre dizia que era pra gente rezar pra Nossa Senhora das Cabeças; ele era devoto da santa. Eu e a Chica rezávamos juntos para vários santos e também para Nossa Senhora das Cabeças.³²

Sergio: O Ítalo é uma pessoa muito dramática. Ele é muito sozinho...

O Ítalo é o maior ator do Brasil. Era difícil a convivência com ele. Ele tinha emocionalmente uma tendência à excitação das pessoas que faziam parte da sua vida. Era muito previsto que o dinheiro da família do Ítalo, especialmente seu pai e mãe, ajudaram a conceber a tentativa de manter em casa o Ítalo, morador de uma organização familiar que lhe deu margem para uma ida e volta, sempre articulando um tratamento presente que previa um estudo muito detalhado de sua vida familiar.

A verdade é que o pai e a mãe de Ítalo morreram cedo. Para entrar em Santa Teresa, você passa por um edifício³³ onde é muito característica a figura do Ítalo, dono de certa organização social. Infelizmente essa organização, com o passar do tempo, fez o Ítalo marcar presença como o dono de uma pensão familiar.

³¹ Ítalo Rossi, grande amigo de Sergio. Um dos criadores do Teatro dos Sete, considerado por Sergio Britto o maior ator de teatro do Brasil.

³² “Ó mãe do Céu.

Senhora Nossa!

Não permitais que a minha pobre cabeça
seja atormentada por males que perturbem
a tranquilidade da vida.

Assim seja!”

³³ Sergio descreve a residência de Ítalo Rossi, na Glória, Rio de Janeiro.

Ele, por exemplo, quando eu fiz a peça com a Isabel, o Ítalo foi ao teatro, falou conosco com muito carinho e com muito respeito, mas já era uma pessoa meio que afastada de nós.

O grande livro da Barbara,³⁴ onde há matéria fantástica sobre o que foi o grande momento da nossa história — o momento em que a situação entre Barbara, Fernanda, Ítalo, Fernando³⁵ e eu estava nos marcando a definição final, indiscutível, reveladora da importância desse drama de encontros e criatividade.

A minha memória vive até hoje querendo lembrar a força, a dinâmica, a absurda capacidade de uma mulher como Barbara Heliadora, que chega à análise desse espetáculo,³⁶ a uma afirmação final, insuperável. A sensação que se tem é que a história está encerrada.

Você chegar a certa idade... Agora estou com 88, você tem que ter um pudor, há certa cerimônia respeitosa, relembando os sucessos do passado.

Quando eu acabei de fazer o espetáculo com a Isabel, eu não tinha mais nada pra fazer, aparentemente nada mais para acrescentar, mas esse espetáculo era do Fernando Melo, da Isabel e do Fábio.³⁷ Eu acho que, em nosso trabalho, Paulo Cesar e Sergio Britto tiveram uma elaboração muito bem fixada quando ainda em início de espetáculo. Fernando Melo foi uma presença determinante do nosso processo. É básico para entender minha relação com você, com a Isabel, com o Fernando Melo, pessoas

³⁴ Barbara Heliadora, grande amiga de Sergio, escritora, tradutora e estudiosa de teatro. Uma das maiores críticas de teatro do Brasil.

³⁵ Barbara Heliadora, Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi, Fernando Torres e Sergio Britto.

³⁶ Sobre o espetáculo *A última gravação de Krapp*, de Samuel Beckett.

³⁷ Fábio Menezes, cenotécnico.

todas elas altamente representantes de um encontro acima do bem e do mal.

Pessoalmente, eu tenho vontade de chorar. Toda memória, toda tentativa de explicar, ainda sempre uma tentativa de explicar, nos carrega para uma emoção, que pelo amor de Deus, eu só quero dizer... Amor, amor, sempre cada vez mais amor.

Eu tento ainda aqui e ali telefonar para Barbara Heliodora e falar de tudo que analisou, o que eu tentei passar, como foi algo muito importante do que... Eu tentei encontrar frases... Tentei falar do amor... Tudo uma memória sólida, algo inesquecível... Pra que mais? Olha meu amor, você vai falar sobre Sam Shepard.

(Paulo lê uma reportagem sobre Sam Shepard, no caderno de cultura do jornal O Globo.)

Paulo: Como você está se sentindo?

Sergio: Bem. Não é como uma festa de caminhos certos. Mas é muito emocionante.

2 de maio

Sergio: O grande problema é que eu tento manter o nosso diálogo esaano esoan. Tenho que encontrar uma palavra nova. Seano. Sando. É um nome meio europeu.

A coisa mais difícil pro nosso trabalho é botar palavras, porque são difíceis, principalmente porque eu não tenho muitas variações para essas palavras. Nós fizemos até agora uma palavra? E sonda.

O grande problema é que nós estamos já na quarta noite e quase nunca conseguimos nada. Denso tá bom? Sonda tá bom?

Sonda. Sonda. Sonda. Sonda.

Paulo: O que você está me olhando? Você quer me dizer alguma coisa?

Sergio: Meu amor, o teu tio tem uma grande dificuldade visual com você. Eu te vejo mal. É uma verdade difícil de repetir, mas é uma característica na nossa linguagem. Eu estou tentando encontrar uma palavra, mas não estou conseguindo. Vai chegar um momento em que as tentativas vão interromper uma preciosa e apaixonada expressão de um possível jogo, que indicará uma palavra há muito pressentida, mas ainda não afirmada com um final verdadeiro.

Eu te sinto emocionalmente. Eu te sinto na tentativa de não banalizar a nossa conversa.

Eu sinto que a dificuldade pra mim aumenta a cada passo.

Razão.

Razão.

Racional.

Eu preciso estar com a vista boa para que a leitura me acrescente um novo entendimento. O meu personagem fala claramente, mas deficientemente sobre o que está sendo afirmado no diálogo. Ele quer que Leopoldo seja o primeiro a mostrar uma incômoda verdade no meio do diálogo.

Paulo: Quem é Leopoldo?

Sergio: Leopoldo é o mestre, é o homem que se afirma, é o homem que interrompe qualquer conversa e vai direto a uma ambiciosa projeção.

Ai, Paulinho, como tá difícil. Não adianta eu me enganar. Eu tento dialogar com você palavras muito claras, mas eu não passo de técnico muito ingênuo... Mas a paciência eu posso, através do carinho que eu sinto por você, mas isso não resolve. Eu queria, na verdade, falar de amor.

Paulo: E você não pode?

Sergio: Posso. A expressão maior da minha felicidade e amor chama-se Paulo Cesar. Eu tenho duas formas para responder ao meu amor. Eu amo Paulo Cesar. Amo meu sobrinho querido. Nada me coloca em dúvida sobre esse nosso sublime amor em nossas vidas.

Obrigado por essa cadeira aí, por essa paciência de entrar no jogo. Eu não preciso mais mentir.

Paulo Cesar representa pra mim o resultado final de um amor sem dúvida.

É como eu me sinto agora. Váter.

Engraçado, eu me sinto meio inútil em palavras que se repetem. Mas eu acho que hoje em dia eu estou ficando muito pre-

cioso. Eu não quero falar mais. Eu leio, penso, sei tudo o que quero dizer, mas não tenho mais espírito pra ficar me repetindo dia a dia.

Na verdade, na idade que eu já cheguei, eu não tenho nenhuma banal obrigação de ser uma preciosidade. Eu quero que Barbara Heliodora em momento nenhum nos seus textos possa duvidar do imenso respeito dela sobre toda a minha vida teatral e, mais ainda, certeza absoluta que ela já encerrou nesses últimos anos tudo que tinha pra dizer sobre o velho ator. Pra mim encerrou.

(Paulo e Sergio fazem a programação do dia. Neste momento, Sergio inicia um diálogo sobre sua relação com o sobrinho. Algumas passagens não foram anotadas.)

Paulo: Sergio, você se lembra quando nós ficamos mais juntos?

Sergio: Engraçado, eu sempre senti pela vida toda que nós estamos muito perto um do outro. Nós não precisávamos mais do caminho entre o dono da bola, no caso o nosso querido pastor, o nosso querido patriota, o precioso. O grande artista Sergio Britto não sofre mais nenhuma má respiração, pelo que o vovô Britto não é mais um doente dependente.

(Inicia-se um jogo de palavras.)

Paulo: Apelação.

Sergio: Quando a pessoa usa o poder que tem para resultados complicados.

Paulo: Poço.

Sergio: Polenta. É a comida.

Paulo: Força.

Sergio: Fraco.

Paulo: Vento.

Sergio: Vazio.

Paulo: Infinito.

Sergio: Veio. É a soltura de uma expressão. É você botar um veio pra fora.

Paulo: Tempo.

Sergio: Tenda.

Paulo: Fogo.

Sergio: Folia.

Paulo: Brinquedo.

Sergio: Branco.

Paulo: Fita.

Sergio: Frita.

Paulo: Pano.

Sergio: Plano.

Paulo: Alto.

Sergio: Calto.

Paulo: Gesto.

Sergio: Gasto.

Paulo: Engolir.

Sergio: Creme. É um doce.

Paulo: Falso.

Sergio: Falho.

Paulo: Gota.

Sergio: Fila.

Paulo: Filha.

Sergio: Folho.

Paulo: Folha.

Sergio: Folia.

Paulo: Dança.

Sergio: Duelo.

Paulo: Espada.

Sergio: Espeto.

Paulo: Espelho.

Sergio: Lugar de visão.

Sergio: Espírito.

Paulo: Alma.

Sergio: Sombra.

Paulo: Noite.

Sergio: Não, não e não.

Paulo: Claro.

Sergio: Carlo.

Paulo: Tiago.

Sergio: Tenso.

Paulo: Músculo.

Sergio: Mescla.

Paulo: Música.

Sergio: Muíca.

Paulo: Cuíca.

Sergio: Caíca.

Paulo: Caqui.

Sergio: Cocô.

Paulo: Lâmpada.

Sergio: Ampla.

Paulo: Espaço.

Sergio: Espelho.

Paulo: Troca.

Sergio: Mudança de ideias.

Sergio: Coragem.

Paulo: Ajuda.

Sergio: Alma.

Paulo: Perdão.

Sergio: Permo.

Paulo: Pecado.

Sergio: Pilão.

Paulo: Socar.

Sergio: Solão.

Paulo: Pão.

Sergio: Pressa.

Paulo: Já.

Sergio: Mão.

Paulo: Planta.

Sergio: Penta.

Paulo: Abertura.

Sergio: Abraço.

Paulo: Carinho.

Sergio: Crime.

Paulo: Pena.

Sergio: Croma.

Paulo: Cor.

Sergio: Civão.

Paulo: Comprido.

Sergio: Tempo corrido.

Paulo: Calma.

Sergio: Caique.

Paulo: Cama.

Sergio: Calma.

Paulo: Cama.

Sergio: Canal.

Paulo: Escuro.

Sergio: Escrita.

Paulo: Palavra.

Sergio: Perlita.

Paulo: Perigo.

Sergio: Palavra.

(Fim do jogo de palavras, Sergio comenta a aula com Carlos, fisioterapeuta.)

Sergio: O Carlos sempre tem a tendência de marcar todo o seu texto e criar para o ator um movimento contínuo que servirá para descoberta de cada fala e, ao mesmo tempo, um acabamento muito exato do que está tentando viver.

A única dificuldade com o Carlos é que ele te pega e te coloca em posições inesperadas, e nunca cria para o clima da cena os movimentos e as trocas de posição que são o eixo mais rico da proposta feita.

Não foi tão fácil assim realizar a aula. Os movimentos previstos pelo Carlos, às vezes, te fazem aparentemente um tanto perdido. Em compensação, os movimentos mais marcados, mais rebuscados, acabam nos levando a uma imagem final agradavelmente surpreendente para os atores em cena.

Você pode não abandonar o seu tipo de trabalho dramaticamente mais provocador. Se há troca de palavras, Carlos nos nossos personagens é uma tentativa válida de fazer com que o Carlos domine muito bem os movimentos perna e braço.

3 de maio

Sergio: Tremendo.

Paulo: Medo.

Sergio: Almada.

Paulo: Água.

Sergio: Ângulo.

Paulo: Beira.

Sergio: Abebê. Aproximação de uma palavra estranha com ab.

Paulo: Comida.

Sergio: Cômodo.

Paulo: Lugar.

Sergio: Ligar.

Paulo: Junto.

Sergio: Janta.

Paulo: Comer.

Sergio: Cismar.

Paulo: Desconfiar.

Sergio: Desfiar.

Paulo: Fio.

Sergio: Fica.

Paulo: Espera.

Sergio: Fico.

Paulo: Estou.

Sergio: Estilo.

Paulo: Jeito.

Sergio: Junto.

Paulo: Namoro.

Sergio: Paixão.

Paulo: Gente.

Sergio: Ganto.

Paulo: Canto.

Sergio: Conto.

Paulo: História.

Sergio: Histeria.

Paulo: Histérica.

Sergio: Dona Rachel.

Paulo: Vizinha.

Sergio: Vira.

Paulo: Troca.

Sergio: Truco.

Paulo: Jogo.

Sergio: Cata.

Paulo: Pega.

Sergio: Pila.

Paulo: Comida.

Sergio: Ácida.

Paulo: Seca.

Sergio: Cilão.

Paulo: Avião.

Sergio: Visão.

Paulo: Olhar.

Sergio: Rolha.

Paulo: Garrafa.

Sergio: Garupa.

Paulo: Caminhão.

Sergio: Camilo.

Paulo: Ator.

Sergio: Atoa.

Paulo: Livre.

Sergio: Lerda.

Paulo: Devagar.

Sergio: Divã.

Paulo: Análise.

Sergio: A mil.

Paulo: Rápido.

Sergio: Rabo.

Paulo: Gostoso.

Sergio: Gestual.

Paulo: Mão.

Sergio: Malícia.

Paulo: Esperteza.

Sergio: Espita.

Paulo: Espeto.

Sergio: Fisto.

Paulo: Festa.

Sergio: Testa.

Paulo: Pensar.

Sergio: Pesar.

Paulo: Peso.

Sergio: Proto.

Paulo: Pronto.

Sergio: Prêto.

Paulo: Preto.

Sergio: Prato.

Paulo: Feito.

Sergio: Frito.

Paulo: Preparado.

Sergio: Preço.

Paulo: Valor.

Sergio: Vilor.

Paulo: Vilão.

Sergio: Valia.

Paulo: Passado.

Sergio: Passa.

Paulo: Antigo.

Sergio: Creonte.

Paulo: Grego.

Sergio: Grotto.

Paulo: Gruta.

Sergio: Aguta.

Paulo: Aguda.

Sergio: Alina.

Paulo: Carinho.

Sergio: Sereno.

Paulo: Úmido.

Sergio: Neuro.

Paulo: Nervos.

(Sergio pede para parar.)

Sergio: Pensar no aparente jogo ou num rumo possível. As palavras escolhidas pelo Carlos são uma linda escolha de situações.

Paulo: Hoje é terça-feira. Fale um pouco sobre o teatro...

Sergio: Quando eu me formei em medicina, criei uma posição técnica nada desprezível. Eu trabalhava no teatro Princesa Isabel.³⁸

(Sergio comenta que, neste momento, tudo fica um pouco confuso.)

Sergio: Com o tempo que passou, com os meus últimos trabalhos, é preciso uma constante percepção de uma verdade possível. A minha profissão devia ser teatro.

Paulo: Você é um ator!

Sergio: Eu preciso poder dizer a minha profissão. Antes de tudo, eu sou um ator de teatro.

³⁸ Sergio Britto, nos anos 1960, morou num prédio em cima do Teatro Princesa Isabel.

Eu devo ser capaz de atuar como ator no teatro, mas preciso ter certeza, e isso talvez eu não tenha ainda, que o meu jogo com o extraordinário mestre do jogo possível como, por exemplo, a troca de palavras e a troca são permanentes: a, e, i, o, u, w, u.

(Sergio e Paulo cantam a canção de Lamartine Babo: “A, e, i, o, u, w, u, w, u. Na cartilha da Juju! Juju! Juju!”.)

(Abraçam-se.)

Sergio: Você é o meu sobrinho que me fala de coisas muito sólidas. Eu preciso jogar com as possíveis palavras do Coreia.

Mente monte monco.

Moneta.

Me pergunto se essas palavras vão me ajudar num possível diálogo com o Carlos. É com ele que eu devo encontrar um caminho de algo novo.

Paulo: Por meio do corpo. Do fortalecimento e do domínio do seu corpo.

Sergio: Eu preciso saber se essa mente, se esse cérebro vai me ajudar no jogo do dia a dia.

Paulo: Você conhece a palavra bacana?

Sergio: Bacana é uma pessoa com qualidade.

Bacilo bacila.

Bacilo é uma qualidade. Uma corajosa possibilidade de entendimento. Essa minha vizinha do lado, a Raquel,³⁹ é uma possi-

³⁹ Raquel, vizinha de Sergio. Em muitos momentos, Sergio falava de D. Raquel com muito carinho. Como se D. Raquel fosse uma figura sólida para ele.

bilidade de entendimento. Ela precisa é perder o medo desse diálogo.

Paulo: Você tem medo desse diálogo?

Sergio: Eu acho que não.

A minha querida Chica! Vem cá! É uma boa resposta a uma possibilidade de vida. Eu preciso que acreditem em mim, como eu preciso acreditar neles. Chica acredita em mim, sim. Pode ter momentos de embaraço, mas no fundo acredita em mim, sim. Eu sempre acreditei na Chica.

Eu preciso que o meu sobrinho goste de mim. Toda vez que uma pergunta sobre o que eu penso se estabelece, de alguma maneira eu sinto que estou num bom caminho.

Paulo: Você tem vontade de andar um pouquinho?

Sergio: Tenho, mas eu acho que estou ainda um pouco preguiçoso. Mas eu acho que os exercícios com o Carlos vão trazer a minha vontade de andar.

Bolão é bom jogo para movimentar o jogo de colocar as bolas em campo.

Há dias que você fala comigo, mas não busca a provocação do caminho. Você quer me falar do teu jogo de palavras? De algo mais vivo?

Paulo: Quero sempre.

Sergio: Amplo é uma palavra bonita.

Paulo: Amplo. Me fale um pouco de “amplo”.

Sergio: Amplo seria a coragem de tocar no assunto que está sempre na minha frente, assunto difícil. Mas verdade total. Sua emoção.

(*Paulo comenta sobre a morte de Osama Bin Laden.*)

Sergio: No jogo comigo, você tem a provocação de falar desse processo. Tema: 30 para mim é uma lembrança de ter trinta boas atrizes trabalhando um texto meu.

Paulo: Quais atrizes?

Sergio: Atualmente eu tenho visto Nathalia Timberg⁴⁰ na novela. É surpreendente como ela se joga num personagem muito bem-acabado e ao mesmo tempo muito acreditável.

Fernanda Montenegro é sempre uma presença absoluta da melhor personalidade histórica dramática que nós, por mais que não queiramos, sabemos que temos a garantia de uma altíssima qualidade de expressão.

Das atrizes em cartaz no Rio, sem dúvida não se pode negar a importância de um diretor tão vivo como Felipe Hirsch. No ambiente de teatro, tem havido muita presença de especiais talentos como de Andréa Beltrão e Marieta Severo. As duas marcam em cena presenças inesquecíveis.

Há momentos muito agradáveis no encontro com talentos, como no musical com Gustavo Gasparini.⁴¹ Cantava, brigava e existia ao lado de sua possível e anedótica dama da bola do século. Na verdade, a verdadeira dona do jogo é a nossa querida Isabel Cavalcanti, exibindo uma construção de comediante fora de qualquer medida.⁴² Isabel conseguiu um trabalho de alucinada dramaticidade e comicidade. Inesquecíveis.

⁴⁰ Atriz, grande amiga de Sergio. Presença marcante em toda a vida do ator.

⁴¹ Ator e autor de teatro, a quem Sergio admirava muito.

⁴² Sobre o espetáculo *Me salve, musical*, encenado por Isabel Cavalcanti e Gustavo Gasparini, entre outros, sob a autoria e direção de Pedro Brício.

Muita gente não aceitou o trabalho de Isabel. Na verdade, o que ela conseguiu nesse espetáculo é alguma coisa memorável. Para o meu gosto, ela é dona da bola completamente.

*(Paulo lê para Sergio Britto, que não sabia da notícia, a matéria no jornal O Globo sobre a morte do ator e diretor José Renato.)*⁴³

Sergio: Reencontrar o José Renato foi alguma coisa para reproduzir a brilhante fantasia de se colocar em silêncio, se tocando, buscando o sentido mágico de um se colocar boca a boca. O José Renato tinha o poder da magia de se colocar, de se preencher, mas nunca esqueceu a beleza do ser simples.

Paulo: Você se acha simples?

Sergio: Me acho.

Paulo: Você me acha simples?

Sergio: Não tenho certeza. Vejo que você se tenta encontrar o mais simples possível. Mas o ser simples, como parece ser sua luta, é mais complicado do que eu penso.

Paulo: Você quer descansar?

Sergio: Eu quero entrar num outro processo de pensamentos, de imagens. Mas ainda não sei se eu quero descansar. Estou em dúvida! Às vezes eu não sei. Outras vezes eu sei exatamente o que é. E às vezes me comove muito lembrar as frases loucas do Paulinho.

Só sei que nós nos encontramos, conseguimos dialogar e deixar sempre presente uma possibilidade de diálogo. Ai, Paulinho, estou cansado. É um cansaço de alma.

⁴³ Criador do Teatro de Arena de São Paulo, José Renato Pécora foi um dos primeiros diretores que dirigiram Sergio, que sempre teve grande admiração e carinho por ele.

Paulo: Querido, descanse um pouco...

Sergio: Há momentos em que eu consigo um sistema de passagem que ninguém consegue melhor do que eu. Eu tive de me colocar diante de todas as interrogações que ela tinha me oferecido. Fiquei de repente dono de uma crítica. De um extraordinário compasso de respeito e, por que não dizer, mentalizando alguma coisa eterna. É curioso que em certa fase da minha vida eu fui um pesquisador de viver diariamente o teatro.

O que eu faço de mim? Quando chega a imagem do que tem de ser, dá quase medo.

4 de maio

Paulo: Hoje é quarta-feira.

Sergio: Eu tenho que hoje o Carlos vem aqui.

Paulo: Como vão suas lembranças?

Sergio: Pecrosa. É uma forma de ataque que já anuncia um caminho impossível de se libertar.

(Sergio fala de Marília⁴⁴ e de Renata⁴⁵ numa visita a sua casa.)

Eu me lembro que de repente nós subimos, a Renata subiu, veio falar conosco tão expressiva que era comovente. Ela ficou parada no hall, na frente, não disse nada, com uma emoção visível. Eu acho que é muito difícil o constante encontro emocional com a família. Marília e Renata estiveram muito presentes nessa troca de emoções.

A Renata é uma figura impressionante. Eu estive uma vez com a Renata e a Marília, num emocionante encontro com o nosso pai de santo, Antonio Carlos.⁴⁶ Antonio Carlos estava emocionado, tentou passar pra Renata toda a sua tensão e nos deixou muito feliz sentindo como um possível caminho se desenvolvia.

Ser simples, por exemplo, pra mim é difícil, mas eu sinto que eu tenho todo o tempo obrigação de dizer todo o tempo que o meu caminho principal é a simplicidade.

(Sergio e Paulo estavam de mãos dadas.)

⁴⁴ Marília Brito, sobrinha de Sergio e irmã de Paulo.

⁴⁵ Renata Brito, sobrinha-neta de Sergio, filha de Marília.

⁴⁶ Antonio Carlos Antunes Bastos, pai de santo de Sergio e Paulo, muito amigo e próximo a Sergio nos últimos anos de sua vida.

Sua mão é muito agradável. Ela é conceito muito forte de entrega e de carinho. Sua mão esquerda é um encontro previsível, tudo está aí. Toda entrega. Todo o processo. Eu sinto que, ao tocar sua mão, ou perceber as vibrações ao tocar a minha, atravessamos momentos perigosos.

Paulo: Você tem vontade de falar sobre esses momentos?

Sergio: Eu acho que tenho medo de tocar nos momentos perigosos. Sei que eles me desenham amor, carinho, mas sei também que atravessam estranhas sensações de movimento.

Você sabe de uma coisa curiosa? Eu não nego a análise que a gente faz. Mas eu me discuto se isso é importante. E, pra mim, estar com você é tudo de melhor que eu posso ter na minha vida.

Paulo: Eu acho que esses nossos momentos são diferentes de tudo o que vivemos.

Sergio: O grande problema para nós é que esse muito diferente é diferente mesmo. Quando o Carlos chega e trabalha conosco os movimentos da terapia, ele está colocando nitidamente para nós todo um encontro com a mais profunda naturalidade do seu processo. Ele vem, dá a aula e vai embora. Mas, na verdade, ele provoca no nosso encontro detalhes muito ricos do tratamento.

É uma mexida muito aprofundada do nosso caminho. Um em relação ao outro. Eu acho difícil continuar falando desse assunto. E agora, o que a gente faz?

Paulo: Fale do Brecht. Como você lembra Brecht?

Sergio: Coloca no ser humano o texto escrito por Brecht. Coloca o ser humano na maior profundidade e verdade do que foi realmente pensado por Brecht.

Eu não estou conseguindo raciocinar para fazer a peça perfeita, para fazer o distanciamento.

É quando o Brecht fala do processo dramático, mas dramático no sentido mais absoluto. Inesquecível, por exemplo, Maria Farrar,⁴⁷ quando a jovem...

(Sergio sente-se confuso.)

No fundo tem muita coisa que a gente sabe como é, mas não tem coragem de afirmar.

(Começam a fazer exercícios de fisioterapia.)

Tudo é imagem!

⁴⁷ “A infanticida Maria Farrar”, de Brecht, poema que Sergio sempre adorou. Fernanda Montenegro dizia este poema na peça *O homem do princípio ao fim*, de Millôr Fernandes, na qual atuavam Sergio Britto, Fernanda Montenegro e Fernando Torres.

5 de maio

(Sergio Britto fala sobre a gravação do programa Arte com Sergio Britto.)

Sergio: Estou sempre disposto. Se vou ser capaz de fazer, é outra coisa.

O desenho dessa casa atualmente ainda é uma fantasia, é difícil de caracterizar, de definir. Quando o Carlos tem uma maneira muito simples e procura sempre me carregar para o seu cotidiano.

Paulo: Como você está se sentindo hoje?

Sergio: Eu estou me sentindo bem. Eu me acordei jogado nessas camas. Eu fiquei um pouco apavorado. Eu, pelo menos, me sinto bem. Eu precisaria ver o seu rosto conversando comigo. Porque quando você escreve, eu fico vendo o infinito. Essa coca-cola eu posso tomar? *(Se referindo ao suco que tomava.)*

Ao mesmo tempo você compreende que eu perco muita coisa. Quando você vai escrever o que eu ditei eu perco muita coisa de você. Do que eu ditei.

Paulo: Eu entendo, mas é que eu preciso registrar tudo o que você diz.

Sergio: Eu gosto do registro. Eu gosto de abrir o jogo entre personagens. O exercício de eu estar tentando a descrição possível dessa matéria.

7, 8, 5, 6, 7. É a soma de todos os valores que estão nesse perigoso jogo de palavras. Se você quiser pensar em palavras diretas e muito simples, você pode começar por metrópole. *(Sergio so-*

letra a palavra metrópole.) Você repara que eu não tenho medo de falar, mas às vezes eu me sinto abandonado.

A tentativa de elaborar um diálogo possível abre muita coisa na minha frente.

Paulo: É sofrido?

Sergio: Às vezes é. O grande problema é quando eu penso no que eu devo dizer sobre a lembrança diária de tudo que eu vivo. Não há dúvida que eu estou jogando com algo perigoso.

Hesparaicerena.

Paulo: Mas eu sinto que é importante você falar. Você não acha?

Sergio: Eu acho que não falar é um atraente perigo. É quase um fechamento de um impossível diálogo. O nosso diálogo está ficando complicado.

Paulo: Eu não gostaria que esse complicado fechasse uma porta. Gostaria que abrisse uma porta.

Sergio: Eu posso dar a resposta.

Sempre tentando dar o tom real à descoberta da verdade aparentemente negada sem querer, eu estou abrindo um caminho perigosíssimo.

Eu posso dizer que me tranco, me fecho e aparentemente a minha fase virou tórno. Posso acrescentar a esse tórno, tórno-me.

Você falando tudo o que você tem pra me dizer. E praticamente o que eu vejo é que nós não temos mais nada para soletrar.

O problema é que a gente está tentando um sentido claro ao aparente embrionismo do que está no ar.

Eu acho que o nosso jogo está lindo, mas acho que está se esgotando.

Paulo: A gente pode esperar. Dar um tempo.

Sergio: Agora eu não sei se existe realmente uma busca de palavras capazes de traduzir o que se pretende conversar. Por meu lado, acho que a riqueza maior do nosso diálogo já contou tudo.

Paulo: Já contou muito.

Sergio: Eu disse que a vida continua. Se ela chegou a um ponto absolutamente certo ou se ela ainda quer salvar uma relação possível.

Eu acho uma punheta esse negócio. Eu só tenho medo que aos poucos se torne desagradável.

Eu não quero que nada que seja dito entre nós se torne desagradável. Eu acho que só temos dito entre nós coisas certas, corretas, expressivas. Eu acho que uma afirmação a que está chegando o nosso diálogo é algo para parar e pensar.

Eu acho que a gente tem de ter a capacidade de aguentar essa parada. De falar muito dela e depois voltar a falar.

Paulo: Esse é um bom caminho.

Sergio: Eu não posso esquecer que o meu querido Paulo Cesar, que tem as perguntas e as respostas sobre tudo que temos conversado, vai acabar colocando entre suas palavras coisas absolutamente definitivas. Perguntas tão em aberto. Qualquer uma delas destrói a resposta em si. O perigo é a resposta boa demais.

Porque depois da primeira resposta, não há mais dúvida sobre o sentido de tudo.

Você tem certeza que não tem nenhuma resposta que ajude o tom da conversa?

Paulo: Eu estou te ouvindo. Não tenho uma resposta.

Sergio: Nós já estamos próximos de sentimentos maravilhosos. Você já consegue me ver de maneira muito definitiva. Agora o que falta? Nada pode quebrar o que nós estamos tendo agora, o que nós estamos trabalhando, porque há uma vontade de se amar um ao outro que define tudo. Mas você está conseguindo equilíbrio entre esses movimentos entre nós?

Paulo: Não perco isso de vista. Acho que estou.

Sergio: Eu quero muito que você saiba que eu tenho uma grande paixão por você, mas quero que você saiba que essa paixão não vai destruir nada que existe entre nós.

Paulo: Isso me tranquiliza. Isso te tranquiliza?

Sergio: Eu quero ter certeza que de um jeito ou de outro nós precisamos nos encontrar. Nós não precisamos mais de ninguém. A não ser de nós mesmos.

Paulo: Como está sendo o dia de hoje?

Sergio: Eu acho que o dia de hoje em princípio foi bom. Ítalo esteve aqui. A Yara⁴⁸ esteve aqui, e o André Marinho.⁴⁹ As pessoas quiseram hoje colaborar. Quando as pessoas se colocaram em pausa e se perguntaram: o que estamos fazendo agora?

⁴⁸ Yara Porto, cantora e atriz, grande amiga de Sergio e de toda a família Brito.

⁴⁹ André Marinho, ator, amigo de Sergio Britto.

Paulo: Elas tinham respostas?

Sergio: Não. A visita foi interessante. A minha querida amiga Yara me pareceu, um tempo, um pouquinho sem entendimentos definitivos. Mas me pareceu todo tempo que havia um bom e possível diálogo entre elas. Yara é uma pessoa séria, carinhosa, mas nem sempre é aquela que está elaborando uma imagem sobre seu possível momento físico.

O André é uma pessoa jovem que quer fazer as coisas, mas não me pareceu muito entrosado nesse jogo à esquerda. Na posição das partes diferentes dos blocos em movimento, ficamos sempre querendo nos colocar numa determinada situação cômica.

Paulo: Isso te incomodava?

Sergio: Me incomodava em termos. Eu gostaria de ver movimentos mais sólidos das partes escolhidas. Meu sobrinho me tratou sempre com muito cuidado e muito carinho. Seus reencontros sempre foram felizes.

Roubar um banco ou fundar um banco⁵⁰ aparentemente pode ser apenas uma forma expressiva meio violenta. Mas na verdade o jogo das palavras não apareceu com distinção.

Eu percebi que as pessoas viam o movimento entre os associados sem que a perna direita mostrasse qualquer colocação mais elaborada.

É uma visão um tanto simplificada. Eu estou com a minha cabeça virada para a esquerda. Espero encontrar 120 boas posições para o meu uso bastante exagerado.

⁵⁰ Sergio cita Brecht: "O que é o pior: roubar um banco ou fundar um banco?"

6 de maio

Paulo: Hoje é sexta-feira.

Sergio: Eu gostaria de não vacilar mais, mas eu acho que eu posso vacilar a toda hora. Eu não gostaria de vacilar. Mas e daí? Nenhuma certeza.

Paulo: Mas você está mais seguro.

Sergio: Será que eu estou? Eu gostaria de acertar o dia da semana. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo.

Paulo: Você sempre acerta na sequência.

Sergio: Paulinho, é complicado. É complicado que eu diga: você está na frente de um momento dramático. O curioso é que eu posso deixar o momento dramático preparado diante de sua construção. Eu gosto da ideia de nossas trocas, mas entranho que pareça, eu não gosto disso que acontece.

Paulo: Por quê?

Sergio: Eu gostaria que os nossos caminhos fossem bonitos, mas as nossas palavras são pura confusão. Uma palavra pra você. Não é para anotar ainda. Por que sempre perguntas? Você sabe as respostas?

Eu acho confuso porque eu nunca consigo me propor perguntas para ter respostas perfeitas.

Pra que essas dificuldades?

Domínio do meu corpo. Mas continuo a achar isso que, por mais sensível e inteligente que esteja na nossa conversa, é pura forma de estabelecer montes.

Paulo: Que montes?

Sergio: Se você quiser pode ser monte de palavras. Mas o curioso de tudo é que eu preferiria que não houvesse nenhuma palavra.

(Sergio comenta a visita de Yara Porto e de André no dia anterior.)

Sergio: Ontem realmente a provocação das palavras foi crescendo muito, e eu acho que as minhas palavras abriram um lindo caminho de perfeita e linda jogada de definição.

O ser humano começou a se encontrar de maneira muito rica. Não foi preciso perguntar mais nada sobre esse ser humano que se afirmava.

Paulinho, mas eu quero saber até que ponto eu quero continuar a fazer essas perguntas. O que é isso? A minha cabeça é uma constante confusão mental.

Paulo: Vai com calma.

Sergio: Vianda. Paulo, eu preciso falar com você de outra maneira. Eu queria continuar conversando com você, mas odeio esse tipo de conversa que estamos tendo. Eu me pergunto, pra quê?

Eu adoro o projeto de perguntas, respostas e explicações que se estabeleceu entre nós, mas ao mesmo tempo nada disso leva a nada. Eu preciso parar.

Paulo: Você sente que está se repetindo?

Sergio: Não acho repetitivo. Eu acho que não tenho mais assunto pra tocar.

Paulo: Ah, agora aliviou... Você está rindo!

Sergio: Eu gosto do humor, mas eu não sei se ainda tocando no mesmo assunto eu consigo me interessar por essa repetição.

7 de maio

Paulo: Hoje é sábado.

Sergio: Eu, na cama à esquerda, era uma parada.

Paulo: Você se lembra do Heitor Cotrim?⁵¹

Sergio: Heitor Cotrim. Eu me lembro que essa coisa de jovem, de 16, 17 anos, era muito complicada. O Heitor Cotrim tinha mania de colocar qualquer princípio sobre um imediato apetite. Apetite de que o que vinha já era puro deleite. Quando eu digo deleite, já está falando com palavras que lembram o prazer do simples comer. A gente comia no boteco da esquina. Às vezes, a gente levava amigos para almoçar com a gente. E havia também uma evidente irritação dos mais preparados para o bom comer. A comida mais simples que se possa tomar de manhã. A comida mais forte que se possa comer de manhã, pode sempre ser um motivo de festa.

Nós, jovens de 16, 17 anos, tínhamos uma preocupação física pelo corpo do outro. Era no restaurante, era no café da manhã, era no jogo de palavras valorizando a surpresa dos primeiros prazeres matinais. O Clube Vila Isabel... Havia a praça Sete⁵²... Nós tínhamos um boteco muito popular na praça Sete, e ali surgiam algumas histórias confusas.

A esquina da praça Sete sempre era um ponto de apoio meio desagradável, incluindo quase sempre o nome de um jovem estudante de medicina. No caso, o Caio Blat.⁵³

⁵¹ Colega de Sergio no Externato São José. Amigo dos pais de Paulo Brito e tio afetivo de Paulo. Moravam na mesma rua, em Vila Isabel.

⁵² Hoje, praça Barão de Drummond.

⁵³ Caio Blat, ator de teatro e de televisão, da nova geração de atores, que Sergio admira muito. Nesta referência, Sergio confunde passado e presente.

O estudante que mais sucesso fazia era um jovem muito querido da esquina, e seu jeito afeminado provocava discussões muito desagradáveis. A esquina da faculdade de medicina lembrava as discussões e as acusações meio escandalosas. A crueldade e a discriminação em relação aos jovens mais facilmente apeláveis... Havia uma tendência a discutir e provocar dúvidas nas esquinas dos bares da Vinte e Oito de Setembro.⁵⁴

Uma parte do público até que gostava do nosso querido pelicano. Mas a verdade é que se o pelicano falava de uma possível elaboração, por outro lado, já deixava, sem dúvida, um jogo muito perigoso entre os mais jovens e sedutores, provocadores, capazes de deixar o público da jovem estrutura. Es-tru-tu-ra. E essa estrutura já era denúncia de algo meio escandaloso.

Mas a praça Sete ficou sempre como um lugar a ser discutido, a ser provocado; mas a gente tinha a coragem de falar dos jovens apaixonados da praça Sete e colocá-los à venda. Tudo isso não ajudava a fixação dos nossos jovens mais armados, mais defendidos. As câmeras falavam de repente de uma imagem um tanto quanto feminina, o que não ajudava a fixação de uma história mais masculina.

Nós tínhamos a igreja muito espetacular, a Nossa Senhora de Lourdes. Eu me lembro que na esquina da minha rua, General Zenóbio da Costa, havia uma padaria em que o nome dos jovens era muito provocador. O dono do boteco mexia conosco e achava engraçado quando os mais velhos provocavam toques e associações meio proibitivas. Os mais poderosos, os mais fortes, já tinham 11, 12 anos, e provocavam pequenos escândalos na esquina das nossas ruas.

⁵⁴ Sergio se refere ao Boulevard, na avenida Vinte e Oito de Setembro, em Vila Isabel.

Paulo: E a sua casa? Como era?

Sergio: Almoçar lá em casa era dia de festa. A turma gostava de almoçar lá em casa, mas a festa provocada pelos mais animados, pelos mais masculinos, não era das mais fáceis. Na verdade, acabou acontecendo uma definitiva separação entre os jovens mais adultos e a tentativa legal de uma possível discussão.

A Isabel Cavalcanti sabe muito sobre os problemas que eu tenho. Percebe que eu preciso de tempo para guardar imagens, mas é muito clara quando tem certeza de que não precisa me obrigar a raciocínios já totalmente realizáveis. Isabel me sorri, me fala, quer que eu entenda tudo o que ela me diz, mas faz questão de me lembrar sempre que pressa ela não tem.

(Paulo e Sergio avaliam a aula de Carlos, fisioterapeuta do ator.)

Sergio: O Carlos não é uma pessoa de avaliações complexas. Ele gosta de movimentos bem marcados. Ele chega aqui em casa e pouco a pouco nos coloca em movimentos dos mais variados. A caminhada de cada um de nós para o outro, dentro de um ritmo que em instante nenhum deixa de ser, ao mesmo tempo, a exibição de uma das lentes entregue, quase sempre, ao bom jogo de variações no espaço cênico.

Carlos não te dá sossego. Ele te exige uma tensão total. Ele quer te ver sempre presente, mas não obrigatoriamente o Carlos decorado, o Carlos esgotado da maior parte das ações do personagem Carlos. Carlos faz com que seu personagem sempre presente dance, cante e sugira um jogo permanente que deve resistir ao último cuidado com seu trabalho.

A verdade é que Carlos é um homem frio, excelente lançador de movimentos, mas nem por isso resolve as saídas cênicas de

seus personagens. Na verdade, Carlos não precisa de nós. Nós precisamos do Carlos.

Sabedoria é para poucos. Embora esses poucos sejam espertos o bastante para manter essa sabedoria.

Você é um masturbador, punheteiro.

Não sei ainda nada, Paulinho.

8 de maio

Paulo: Hoje é domingo.

Sergio: Vou tomar um apoio dramático. É um suco preto.⁵⁵

Eu gostaria de pensar que o meu projeto — pro-je-to — estava num bom caminho. O ideal seria ver vários projetos — pro-je-tos — bem-encaminhados. Pensar em bons projetos é material muito animador na vida em geral. Tinta é uma boa proposta. Fico pensando qual seria um jogo em que o tachista⁵⁶ seria um criador inesperado. O tachista é um movimento em que o tachista é dramaticamente um momento possível.

Agora eu quero deixar um espaço em branco. Quero pensar em algo muito ligado a uma imagem mais clara do que está acontecendo, mas nunca esquecendo o caminho sempre em aberto na vida de cada um. É difícil. Difícil sempre estar pensando em momentos definitivos — de-fi-ni-ti-vo-s. O que é o momento definitivo? Mi-ma-do. É o momento definitivo? Mesmo sem definição, pode-se esbarrar em algo definitivo. Ai, eu estou ficando maluco. De repente você fica com medo do que está raciocinando. Eu quero amor na minha vida. A Marília foi muito carinhosa comigo e repetiu várias vezes que ela estava abrindo um leque de muito amor.

Na verdade, a figura do Lucas⁵⁷ abriu uma inesperada e rica visão de uma possível realidade. Sofri um pouco vendo Marília repetir a força de uma projeção viva do que lhe estava acontecendo. A Marília teve a coragem de me provocar. Não houve

⁵⁵ Sergio se refere ao café que estava tomando.

⁵⁶ Tachismo: uma das tendências da pintura abstrata dos anos 1950, caracterizada pela projeção de manchas e formas, feitas com as bisnagas de tinta diretamente sobre o suporte do quadro.

⁵⁷ Lucas Brito, sobrinho-neto do ator; neto de Marília e filho de Claudia.

nenhuma fuga. Eu particularmente me emocionei, fui tocado por todos e foi deslumbrante ver o Lucas ser quem ele é. O Lucas é uma pessoa especial. Ele acabou sendo uma emocionante visão de uma criança diante de sua própria avó, ela todo tempo muito preocupada com a obra-prima que era a palavra do Lucas. Quando se foi pra mesa, pra comer, o jogo entre o Lucas e a avó, um reencontro muito possível estava aberto.

Paulo: Você está falando de pertencimento, de corporalidade.

Sergio: Aí você me fala da força do verbo. O verbo é fundamental. Eu sou. Eu acho que você tem permanentemente uma paixão sobre tudo o que te acontece diariamente.

Paulo: E você?

Sergio: Eu busco diariamente uma coisa que possa me deixar vivo para o que possa me acontecer.

Não tenho medo de nada, estou em aberto.

Eu não quero acreditar que não haja uma saída possível para minha expectativa das coisas se arrumarem. Eu quero ver minha sobrinha e meu sobrinho encontrando uma crença, que ela e que eu tenho que ter também. Marília brigou comigo como se eu estivesse errado. Discutimos e abrimos uma possibilidade de encontro. E não é que no meio dessa confusão o meu sobrinho, o Paulo Cesar, não acabou entrando também na jogada?

Acabamos jantando juntos e minha sobrinha foi o grande achado do dia.

9 de maio

Sergio: Café preto. Tá muito bom. Café preto.

Pão doce. Café preto. Pão doce.

O meu corpo está razoável.

Paulo: Estou te sentido bem. Você está se fortalecendo.

Sergio: Ai Paulinho, você é um anjo de carinho para seu tio. Seu tio sofre todo dia pensando numa possível relação comigo. Eu sei que meu sobrinho me ama. Mas nem por isso ocupa o meu espaço vazio. Difícil, querido. Muito difícil, querido.

Eu quero pensar nas duas pernas subindo firmes (*Sergio se movimentando*). Agora elas dobram e criam certo sossego. Então você tem tido informação, toques que o provocam.

Quem está vivo sempre recebe alguma notícia. E a notícia sempre é boa? E, se não for boa, como é que é? Se não for boa, é o momento dramático da vida em comum.

Eu me sinto num estado emocional mais agradável. Gostaria de ouvir da frase mais adulta algum entusiasmo.

O mesmo desespero. Quando? Quando alguma coisa vai melhorar?

Um estado emocional mais agradável será um sinal de uma melhora? O estado emocional mais agradável pode ajudar a uma melhora.

A melhora indica boas personalidades. Ah! Meu Deus! Um caminho, uma dúvida, quanto tempo ainda? Será que existe alguma boa notícia?

Ainda me sinto meio perdido. Ainda acredito que esperança pode existir. Mas a animação não é muito grande.

Exercícios a toda hora!

Paulo: Exercício.

Sergio: Esperança.

Paulo: Cadeira.

Sergio: Senta.

Paulo: Levanta.

Sergio: Lenta.

Paulo: Devagar.

Sergio: Vagar.

Paulo: Vago.

Sergio: Voga.

Paulo: Moda.

Sergio: Mode.

Me animar serve de alguma coisa? Ah, Paulinho, teu titio está fodido.

Mas é preciso que haja uma indicação de uma evidente melhoria? Isso o titio não consegue se animar.

É uma crença meio romântica. Você não tem nenhuma palavra de entusiasmo pro teu velho tio? E agora, o que se faz? Ronda: ron-da. Uma ronda é uma boa maneira de abrir uma relação de

sílabas. Lenda. O seu tio tem uma esperança. Quem sabe uma lenda nova?

A força de uma palavra. A força de outra palavra.

Uma história a sugerir uma nova saída. Avatar. Viagem. Viajar.

Estou me sentindo perdido. Meu querido Paulo Cesar, teu titio não está bem.

Paulo: É que você está indo fundo.

Sergio: Acredito que sim. Mas ainda sofro as dúvidas do que pode vir.

Eu, vendo as minhas pernas, acredito em mim. Mas é pouco.

Paulo: É muito. Eu acho muito!

Sergio: Jogando assim, acreditando ou não numa boa saída, a gente ainda espera para um bom resultado. Se ele não vier agora, pode ser que venha depois.

E eu não posso, por mais que eu queira, ter certeza absoluta numa situação desta. Vou continuar acreditando numa possível esperança.

Paulo: Este é um bom pensamento.

Sergio: Existe o tempo. Uma possibilidade de encontrar uma saída. Mas é um momento estranho. Não há nenhum resultado previsível. Apenas o sonho de uma possível melhora total. E com essa esperança, é hora de rezar.

10 de maio

(Paulo sempre preparava um ovo quente para Sergio, que adorava. Neste dia, Paulo levou seu tio à cozinha para preparar o ovo junto. De volta ao quarto, retomam o diálogo.)

Sergio: A cozinha, quando fez o ovo, aquilo sim é que valeu a pena. Como foi o momento da cozinha? Eu pedi licença pra você para dormir no sofá da cozinha.

Paulo: Você estava tão feliz na cozinha, preparando o ovo quente...

Sergio: Você acha que houve... A Chica e o Tiago⁵⁸ trabalharam ontem na cozinha muito bem? Você acha que eles ficaram muito à vontade demais na cozinha?

Paulo: Eu acho que sim. Eles gostaram da sua visita à cozinha.

Sergio: Ontem pra mim foi muito bom ouvir você falar do Matthieu.⁵⁹ Foi você poder falar das suas coisas. Foi uma coisa muito simples. Sem falar de coisas avançadas, abusadas. Foi muito bom eu escutar a voz do Matthieu ao telefone.

Ao mesmo tempo, a Fernanda Montenegro falou em vir aqui. Pode ser uma coisa muito agradável, muito rica. A própria, a nossa querida Isabel Cavalcanti soltou suas perguntas todas sem forçar nada.

O querido Claudio, marido da Isabel, passou um dia conosco e sentiu muito bem o prazer da conversa e do seu direito de comer do melhor.

Depois que aconteceu isso tudo, não há ânsias para ficar pensando no que ainda pode acontecer. Não ficar remexendo. Então agora

⁵⁸ Empregado de Sergio Britto.

⁵⁹ Matthieu Hebrard, músico, que tocou com Paulo Brito.

tudo que se puder citar como lembrança do que aconteceu, tudo pode ser muito bonito, sem nenhuma dramatização especial.

O problema todo que se estabeleceu depois que se falou que eu vou fazer aniversário, a gente não tem muita badalação a fazer, o mais que a gente pode é ter o prazer de lembrar o que aconteceu. E aconteceu muito.

Tem que se organizar o que vai acontecer lá embaixo (*Sergio se refere à festa de aniversário que estava sendo preparada para ele*).

A vida acabou. A gente gosta da vida. A gente pensa o que vai ficar de memória. Mas, por mais que a gente queira, memória é memória. Eu ainda quero conversar com Jacqueline.⁶⁰

Eu acho que por mais que a gente queira guardar a memória do que aconteceu, é preciso lembrar que o calor do melhor já aconteceu. Não volta atrás.

Ai, ai, dói um pouquinho, né, Paulinho? Mas o fato de doer não deve ser doentio. A memória será sempre uma imagem pra tocar na alma da gente.

Eu acho impressionante que você saiba de tudo isso, sinta a força do que está em aberto, mas não pode deixar de saber que o que está em aberto é a força que mais vai marcar a força pro resto de sua vida.

Eu sinto cada vez mais a hora de botar uma roupa e descer lá pro campo.

É uma tentativa. Mas, na verdade, não outra saída. É sempre interrogativo.

⁶⁰ Jacqueline Laurence, grande amiga de Sergio Britto, sempre muito presente em sua vida.

11 de maio

Paulo: Hoje é quarta-feira.

Sergio: Me sinto comendo com prazer.

Hismênia é uma moça, ela mora aqui em Santa Teresa.

Paulo: Em que lugar?

Sergio: Onde ela mora, eu não sei. Mescla. Alguma coisa que muda.

Clemente, canto, canta, cantão.

Caneca. Alguma coisa que se usa. Canecão.

Casa. Lugar onde se pode morar.

Morada é bonito.

Marido. É um homem que casa.

Matrimônio. Casamento.

Marca, marco. Marca. Lugar onde fica marcado que houve um espaço vazio.

Menta, monte. Espaço ocupado por um elemento sólido.

Monta. Lugar onde se monta.

Cavalaria. Lugar onde vários animais podem ser ocupados.

Mestre, mestra, mister. Pode ser o direito de uma pessoa adquirir um espaço.

Mexa, mecha, marcha, marcha-rancho.

Privado, privada.

Previsível, visível, visável. Visão é a possibilidade de se entender alguma coisa que se vê.

Válida. Uma coisa que pode ter uma função.

Validade, valor. É o espaço que alguma coisa se permite valorizar.

Vala. Um lugar onde se encontram palavras possíveis.

Valia, vasta.

12 de maio

Paulo: Hoje é quinta-feira.

Sergio: Tem que sonhar com as possibilidades do que está vindo pela frente.

Paulo: Isso é muito bom de ouvir.

Sergio: O que vai acontecer com a nossa história, com a Isabel? Com o espetáculo dela? Pois é quem mais está ligada à ideia de fazer um espetáculo comigo ainda. Isabel sabe tudo, só não pode é falar em voz alta o que eu não consigo falar.

Então, meu sobrinho, o que ela tem que me dizer?

Isso eu sei que tenho que sonhar com as possibilidades do que está vindo pela frente. Mas eu gosto de ouvir as palavras da Isabel. Ela faz com que eu acredite que a vida toda tá aí. É só esperar e ir falando as verdades da vida.

Eu agora moro numa casa, o meu sobrinho mora comigo e a toda hora ele me diz quem está morando com a gente também.

Paulo: E o teatro?

Sergio: O teatro pra mim é a possibilidade de viver. Eu perdi a noção do que é teatro pra mim. Eu preciso fazer o mais urgente possível. Será que eu vou conseguir? Eu preciso ver outra vez a possibilidade de fazer teatro.

13 de maio

Paulo: Sexta-feira.

Sergio: Eu estou precisando falar com você com o som que Deus me deu. O anjo deixa em aberto um som que a gente descobre que conhece. Na hora de buscar o som, na hora de buscar o sentido da palavra, a gente tem que encontrar um valor expressivo e especial que Deus já colocou na nossa memória.

Quando você diz uma palavra, você anuncia uma verdade indiscutível. Então, depois de anunciar uma palavra, como é que vem a expressão capaz de nos fazer emocionar com esse jogo tão misterioso, que é o do homem tentando se chegar a Deus?

Paulo, me diz uma coisa? O que é o mistério da vida?

(Paulo comenta sobre a força da sonoridade. Sobre a força mântica e energética de determinados sons.)

Sergio: Você me fala do som, da alegria do som. Eu volto a lhe perguntar, onde é que está esse som que mexe comigo? O som que mexe comigo me deixa, às vezes, sufocado de dor.

O que é que eu faço, se eu sei as palavras básicas? Se eu não duvido do que eu procuro na hora que canto. Diante do que eu preciso dizer de claro ao público, eu preciso de uma imagem muito definitiva da minha vida. Eu posso não ter a imagem definitiva, mas sonho com ela. É muito ligado ao mundo de que fala o estranho e misterioso artista. Que coisa misteriosa!

Ombra. Embro. Embrilho.

Imola. Mola. Canta. Canto.

Sombra. Santo. Santidade.

Eu gosto de samba. Sambista.

Meu sobrinho é um sambista e isso nos dá um jogo de emoções não muito fácil de definir.

Paulo: Eu adoro que você me considere um sambista!

Sergio: Eu mesmo tenho a maior dúvida. Adoro o sobrinho me falar de samba. Mas cadê a música? Aí o meu sobrinho, o Paulo Cesar, me deixa mais em dúvida. Qual é a expressão mais? A palavra que vem ou a palavra que não quis vir?

Nós jogamos, Paulo Cesar, um jogo de arraia. Será que isso é bom mesmo ou só atrapalhão?

Então eu te pergunto: cadê o interesse de eu ficar masturbando imagens que eu não entendo?

Paulo: Não precisa ficar afrito.

Sergio: Afição não precisa. O que é preciso? Para me manter vivo preciso manter certa saúde. No meio de todas as confusões, sonhos em relação à vida, cada um de nós precisa de saúde. E não tem saída pra isso.

Paulo: Você se lembra da Mãe Aurinha?

Sergio: Extraordinária a Mãe Aurinha.⁶¹ Meu sonho, meu delírio. Ir à Mãe Aurinha e depois sair à rua, para ir embora pra casa. Experiência inédita. Eu no meio da rua. Mãe Aurinha na

⁶¹ Áurea Pinheiro Vaz, Mãe Aurinha de Oxossi, conselheira e mãe de santo de Sergio e de Paulo.

porta de casa. Levava um tempo. Eu acabava indo embora. E Mãe Aurinha ficava na porta da casa segurando esse resolver.⁶²

62 Mãe Aurinha morava na rua Itapiru, no Rio Comprido, lugar que se tornou um pouco violento com o passar dos anos, pela proximidade com o narcotráfico. Mãe Aurinha ficava à porta esperando o táxi com seus filhos de santo.

14 de maio

Paulo: Hoje é sábado.

Sergio: É aqui que toda noite eu me encontro com meu querido sobrinho Paulo Cesar. A gente pode não ter muita coisa pra dizer, mas o que tem é puro prazer.

Paulo: Eu também sinto um grande prazer.

Sergio: Os monólogos estão acabando. Tudo que era importante dizer está virando diálogo. E diálogo capaz de deixar uma imagem muito clara do melhor.

Paulo: Fala um pouco sobre o Teatro dos Sete. Eu sei que ele foi muito importante pra você.

Sergio: No momento, para mim, a imagem do Teatro dos Sete. é muito confusa. É confusa há tanto tempo que eu não tenho certeza de quando começou e quando terminou. O Ratto⁶³ era muito duro no colocar a imagem de cada um. O Ratto não tinha nenhuma simpatia pelo Ítalo.⁶⁴ O Ítalo era uma pessoa que podia aceitar as novidades de um diretor e as respostas menos simples de um texto. O Ratto exigia do Ítalo uma permanente vivência dramática.

Paulo: Mais interna?

Sergio: Não sei se era mais interna, mas mais difícil. O Ratto nunca foi simples. Era difícil transar uma relação com o Ratto profissional. Ele não queria muita conversa.

Paulo: Mas eu sempre te senti humilde com os seus diretores...

⁶³ Gianni Ratto, diretor italiano, o mais marcante diretor do Teatro dos Sete.

⁶⁴ Ítalo Rossi.

Sergio: A humildade que pode existir no Sergio Britto vem principalmente da dificuldade de se expressar. De se tentar encontrar o quê? Gente nova, gente velha, gente expressiva. O quê?

Paulo: E como foi ser dirigido pelo Ratto?

Sergio: É um pouco difícil de explicar, nos dias de hoje, na memória, que já vai longe. Ratto sabia tudo. Só nos acrescentava imagens provocativas. Imagens capazes de estabelecer um novo centro de vida.

O Gianni Ratto morreu xingando tudo o que nós tínhamos feito e ainda mais. Dizendo que nós o tínhamos destruído completamente. Negando qualquer importância dos seus trabalhos pela vida afora. O mais complicado, Paulinho, é o que aconteceu com a cabeça do Ratto no fim da vida. Ele demonstrou claramente como nos odiava e, mais que isso, toda a porcaria estética que nós tínhamos realizado.

Paulo: Sergio, eu acompanhei você sendo dirigido por vários diretores. Fernando Torres, Jorge Lavelli, Amir Haddad, Gerald Thomas, Eduardo Tolentino... Também trabalhamos juntos sob a direção do Victor Garcia e da Isabel Cavalcanti... Me fala dos seus diretores.

Sergio: Eduardo Tolentino⁶⁵ me lembra a fantástica figura que é Norival Rizzo. E tive o prazer de entrevistar o Norival, o José Carlos Machado, o André Garolli e, mais do que tudo, o prazer de fazer a maior entrevista com o meu querido José Renato.

O José Renato é a figura mais importante no meu começo de vida. Ele saiu da Escola de Arte Dramática e constituiu conosco

⁶⁵ Diretor, criador do Grupo Tapa, grande amigo de Sergio Britto. Dirigiu Sergio em seu último espetáculo, *Recordar é viver*, de Hélio Sussekind.

um grupo de muito sucesso. Eu tive o meu primeiro trabalho que provocou uma imagem muito clara do que nós estávamos pretendendo ser. Monah Delacy. O galã era o John Hebert. Eva Wilma. Lélia Abramo era outra situação. Uma figura extraordinária. Inesquecível.

Paulo: Eu me lembro que Lélia ficava hospedada na nossa casa de Vila Isabel.

Sergio: Ela fez o grande teatro conosco. Eu, infelizmente, guardo pouquíssimas imagens dela.

A economia de Norival Rizzo é alguma coisa inesquecível. Eu me lembro de imagens, agora já um pouco perdidas. O Norival representando com a minha querida Denise Weimberg. Eu acho que entre nós a simplicidade permanece.

Paulo: Que silêncio neste jantar.

Sergio: É maravilhoso a gente poder estar conversando sobre o paladar e perceber que ele ainda nos toca.

15 de maio

Paulo: Hoje é domingo.

Sergio: É um prazer ver o meu sobrinho pronto para começar uma aula comigo.

Eu preciso tomar café. Meu sobrinho quer tomar café?

Paulo: Eu já tomei, obrigado.

Sergio: Então vamos ver se eu consegui beber este café. O café está resolvido. A primeira pergunta é: como vamos discutir o provável jogo novo?

Ter uma delícia de água gelada para começar o dia é bom sinal. E o meu sobrinho? Quer dessa água gelada ou prefere algo menos marcante?

O meu sobrinho me fala do valor das palavras, procurando um aprofundamento do seu significado. O jogo das palavras, o permear de cada clima... Meu sobrinho já percebeu o que permeia nós dois. Não sei se é para o bem ou é para o mal. Mas eu sei que existe um delicioso prazer. É muito especial o que se tem para falar, embora o prazer de falar esteja sempre presente.

Eu acho que o pensamento pode vir, mas acontece que o pensar é alguma coisa muito próxima do tocar o prazer. Nós não nos preocupamos mais com o clima, mas ele existe. Estamos aí, balanceando o que melhor podemos sentir. Meu sobrinho me deixa em estado quase prazeroso, mas não sei ainda o que pensar. Eu acho lógico. Se nós estamos numa relação próxima e não temos frases determinadas, é claro que respirar a emoção alheia é sempre um grande prazer. Aí eu me pergunto: querido sobrinho meu, me diga uma palavra só, apenas um som, apenas

o prazer de estar perto de algo que é mais que o puro prazer. É natural, quando você arma um diálogo com alguém, você deixa um espaço de grande criatividade para o silêncio.

(Paulo canta “Para ver as meninas”, de Paulinho da Viola.)

Paulo: “Silêncio, por favor,
enquanto esqueço um pouco
a dor no peito
Não diga nada
sobre meus defeitos
Eu não me lembro mais
quem me deixou assim
Hoje eu quero apenas
Uma pausa de mil compassos
Para ver as meninas
E nada mais nos braços
Só este amor
assim descontraído
Quem sabe de tudo não fale
Quem não sabe nada se cale
Se for preciso eu repito
Porque hoje eu vou fazer

Ao meu jeito eu vou fazer

Um samba sobre o infinito

Porque hoje eu vou fazer

Ao meu jeito eu vou fazer

Um samba sobre o infinito.”

Sergio: Mas a nossa conversa é finita e infinita.

É um prazer enorme trabalhar a palavra maior. A minha dúvida é até que ponto essa palavra maior vai se transformar em algo mais apaixonante?

Paulo: Eu vejo que essas conversas poderão migrar para o trabalho do Sergio ator e do Paulo cantor.

Sergio: Colocar nas imagens alguma coisa muito provocadora.

(Sergio e Paulo trabalham com exercícios corporais, dança e movimento.)

Sergio: No meio do dia alguma coisa pode acontecer. São oito palavras? E é sempre bom saber que aquilo que pode acontecer, pode acontecer outra vez.

Paulo: Quando você voltar a fazer teatro.

Sergio: É muito boa a ideia. Mas, para mim, ainda é muito triste essa imagem indefinida.

Paulo: Eu quero sempre te estimular, mas sem querer tirar as suas dúvidas.

Sergio: O meu querido sobrinho não quer entrar na fria de ter que me estimular.

Paulo: Eu não acho uma fria te estimular. O que eu não quero é cortar as suas dúvidas, porque as dúvidas fazem parte do raciocínio.

Sergio: O difícil, de qualquer maneira, é admitir que ficar triste é uma dolorosa possibilidade. O ficar triste por natureza não impede a alegria, mas não leva a uma solução imediata da alegria de viver.

(Ana Jansen⁶⁶ foi visitar Sergio, que quis ler para ela o último texto ditado por ele.)

Ana: Quais são as suas dúvidas?

Sergio: Eu acho que a minha maior dúvida, no momento, é construir uma coisa sólida. Uma coisa pra valer. Eu acho que, olhando pra você, eu sinto o prazer de um reencontro a toda hora.

(Sergio, Paulo e Ana almoçam juntos e, depois, Ana vai embora.)

Sergio: Olhar para um sobrinho, para uma pessoa gentil como meu sobrinho Paulo Cesar, é uma esperança de um renovar a cada dia. Renova ou não renova, é sempre uma esperança de algo novo que vem.

Você acha que eu comecei a perder uma nuvem que estava atrapalhando? E essa nuvem, cadê? Ela estava realmente querendo me atrapalhar?

Paulo: São coisas que vão se dissolvendo. E outras vão surgindo.

Sergio: O equilíbrio entre as energias possíveis de serem construídas. Temos que pensar que, negativas ou positivas, elas de-

⁶⁶ Ana Jansen, atriz, amiga de Sergio e de Paulo. Atuou com Sergio Britto em seu último espetáculo, *Recordar é viver*, de Hélio Sussekind, sob a direção de Eduardo Tolentino.

vem ser olhadas com atenção. Você, de repente, começou a perceber o que percebia, o que examinava, imagens que estavam aparentemente meio perdidas.

Você de repente vê que aparentemente não estavam perdidas, mas estavam brotando do seu universo interior, prazer nunca demasiado repetido. A Ana veio aqui em casa como Ana. Como uma pessoa que esteve muito próxima a mim em alguns trabalhos. Prazer enorme foi perceber como ela se sentiu bem nessa tentativa de comunicação. A visita da Ana foi altamente positiva. Ela podia ter vindo aqui para bater um papo. Isso aconteceu, mas a conversa dela foi mais do que isso.

Antes de ela chegar, você já pressentia que a chegada da Ana ia ser um bom encontro entre nós.

Paulo: Eu pressentia. Eu queria muito ela aqui com a gente.

Sergio: Caminhos por caminhos.

Claros ou escuros.

Será que eles representam alguma coisa na sua cabeça, meu querido?

Paulo: Representam muito.

Sergio: Eu adoro que você tenha ouvido isso e me respondido de maneira tão direta. Eu compreendo que você, hoje, ouvindo o raciocínio sobre o olhar claro e escuro, está sem esforço maior, tentando mexer com o lado mais sério e mais mexido do meu ser. Quer dizer que nós temos alguma coisa para falar um para o outro. E eu agora posso dizer que é um prazer estar perto do meu querido.

Paulo: Eu fico feliz com isso.

Sergio: Se eu te fiz feliz, me sinto mais feliz ainda. No momento de comentários, não é fácil o detalhe, mas ele está aí, vivo, forte e presente.

De repente você percebe que está vindo da minha boca um sentimento positivo. Não sei mais o que dizer. A emoção é muito grande.

Quieto. Muito quieto. Nós quase não queremos falar. Mas o mais forte ainda é o que fica no ar. O que penso deste estar vivo, forte, presente, é um prazer.

Você me perturba, querido. Me emociona demais. Eu sinto que você me acompanha e esse me acompanhar é uma emoção que não para.

Deus, Deus, meu Deus. Onde vamos parar emocionalmente?

Falar pode trazer algum alívio. Mas até quando?

Se eu vejo na minha frente uma imagem que me provoca, já posso ter a certeza de que alguma coisa vai me acontecer.

De repente você tem diante de você uma imagem muito rica e muito profunda de uma possível elaboração.

Caminho. Caminho. Caminho. Você precisa encontrar o seu. Caminho por caminho não leva a nada. A não ser que uma dolorosa imagem de abandono apareça na frente de tudo.

16 de maio

Paulo: Hoje é segunda-feira.

Sergio: Estou tomando café e agora já provei um pouco do pão. Pão mole, macio, delicioso. O café está muito agradável. Aí, agora já tomei o café e agora volta o resto de um docinho muito agradável.

Esse pão que tem um adorável gosto de encontro. Um prazer incrível. Puro restinho de doce de leite.

Você me parece muito tranquilo no começo desse momento de realização. Não sei se é bom. Sei que começa bem. Então você está me vendo tranquilo. Eu acho que estou tranquilo. Eu acho uma coisa muito especial: nós estamos nos repetindo.

Paulo: É bom se repetir?

Sergio: Especialmente porque parece que a tranquilidade baixou. É curioso o que eu sinto no momento. Posso te falar de certo espanto?

Paulo: Pode e deve.

Sergio: Acho estranho que a minha pergunta é a mesma que eu já fiz antes. E aí eu me pergunto: o que faço agora que as perguntas e as dúvidas continuam as mesmas?

Paulo: Enquanto a gente não tem respostas, a gente pergunta.

Sergio: Está clara a imagem. Como entender algo que se entende mal ainda? É bom haver um tempo de espera para que chegue uma resposta melhor. O tempo de espera é necessário para compreender o que estamos falando. Falando um pouco mais, todos nós vamos chegar a um denominador comum. Ou

não? A gente pode devagar, calmamente, chegar a um entendimento do que está acontecendo. E depois de perceber o que está acontecendo, o que fazer para que essa curiosa explicação te dê alguma novidade? Alguma riqueza a mais no raciocínio do dia a dia. Você não acha que eu estou querendo forçar um pouco a explicação do que é bom e do que é mal?

Paulo: Forçar não. Você está buscando clarear as coisas.

Sergio: Alguma coisa aparece depois de imagens muito claras, e esse aparecer pode ser um delicioso momento de carinho entre nós dois. De certa forma eu admito que você entende onde eu quero chegar. Mesmo que o chegar não leve a uma consequência maior.

Quanto mais sossegado eu estou, mais corajosamente eu abro um caminho para a minha melhora. Manobra. Manobra por manobra, ondas novas e velhas são sempre caminhos à flor da pele. Eu estou tão aberto que preciso ser protegido. Acreditando ou não nas possíveis afirmações que me tocam.

Paulo: Você está muito sensível, muito aberto. Precisa ser protegido.

Sergio: Eu estou precisando que as pessoas que se aproximam de mim estejam muito calmas. Eu preciso de encontros e desencontros. Eu não devo me impressionar muito com as possíveis confusões. Vibrando o que pode me dar de alegria, eu ainda quero um prazer que, evidente, já vive conosco.

Paulo: Eu concordo que as pessoas cheguem calmas. É muito importante.

Sergio: Você ouve uma pergunta no ar. Você quer saber mais, se machucar mais. Enfim, você quer ser uma pessoa mais viva.

17 de maio

Paulo: Hoje é terça-feira.

Sergio: O impressionante sobre tudo que falei a ele, sobre a neurologia, me deixou muito carinhoso e muito respeitador pelo que eu podia saber. Tanto assim que ele terminou a consulta comigo elogiando muito o meu espantoso aparente compreender.

Eu lembro que quando nós íamos saindo, ele me abraçou e me deu parabéns. Em compensação, eu me lembro de ele examinando meus reflexos; ele me machucou um pouco. Houve momentos meio dolorosos.

Eu vou me sentir muito sozinho sem você. Por mais que eu faça, você é você. E eu vou sentir muito. Mas muita falta de você. Pra mim o mais difícil é pensar que você pode estar perto de mim, mas vai estar longe de mim.

Eu sei que alguns dias vão ser muito difíceis, mas que eu devo superar.

Foi muito bom perceber que ele sabia do meu estado mental. Ele falou que eu estava bem e que eu ia melhorar. Ele me cumprimentou na saída. Ele era um homem enorme.

Vai ser um prazer um dia eu poder conversar com a Fernanda. A minha querida Fernanda Montenegro. Quanta vivência. Quanto estou perto e estou longe. E hoje em dia quanto e quanto é difícil estar conversando com ela.

Eu sei que você tem uma dosagem emocional crítica capaz de viver tudo que é mais tocante. Mas nem por isso menos emocionante.

Um vazio, querido. Uma tristeza.

Paulo: E seu programa de televisão, suas entrevistas?

Sergio: Essa é uma pergunta perigosa. Me provoca. Mexe comigo. Hoje eu não tenho certeza de mais nada.

Pode ser que a arte brasileira precise de mim. Mas onde eu fico se a arte não estiver sempre ao meu lado?

O grau foi atingido, e daí? Cadê o prazer maior do encontro?

As perguntas que o senhor me faz sobre a minha busca de personagem, coisa que não posso negar, são inteligentes, sensíveis. Mas não me deixam em paz.

A percepção de um próximo desejo, de um próximo sentido não impede a terrível solidão que é o último trabalho. Posso até não querer acreditar, mas infelizmente acredito completamente.

É difícil aceitar, mas o senhor está completamente certo. Agora é hora de esperar com calma e tentando não sofrer as próximas palavras.

Álbum de
recordações



Sergio Britto e Fernanda Montenegro em *Floradas na serra* (TV Tupi) — Grande Teatro.
Foto: Acervo da família.

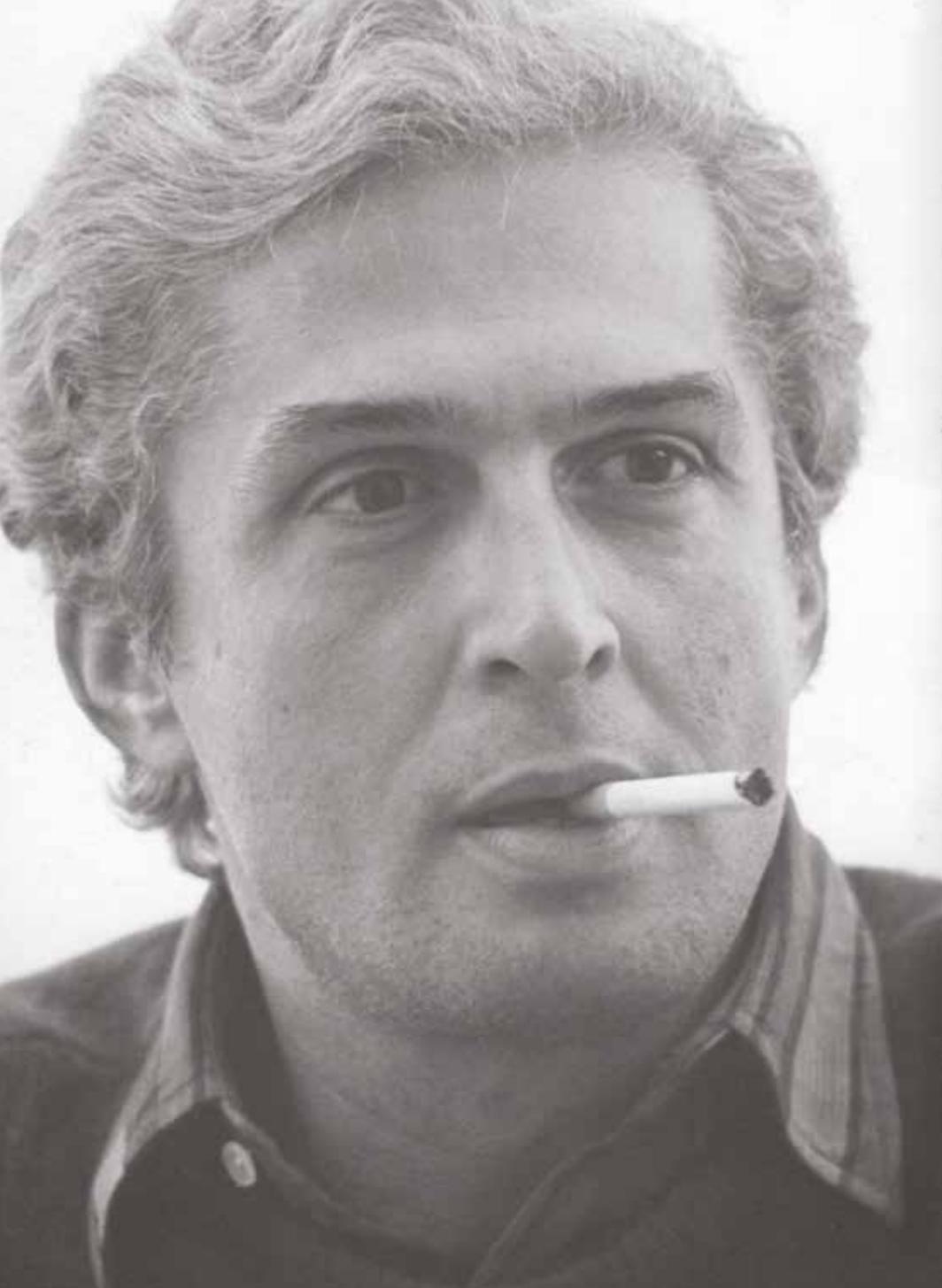


Foto artística do galã Sergio Britto (1945).

Foto: Acervo da família.



Sergio e os sobrinhos Marilia e Paulo, sempre unidos ao tio (Rio de Janeiro, 1955).
Foto: Acervo da família.



Sergio Britto e Nathalia Timberg em *Pancada de amor* (TV Tupi, 1959).
Foto: Acervo da família.



Sergio, o pai, Lauro, e o irmão, Helio (década de 1940).
Foto: Acervo da família.



Sergio e Paulo Brito, Barra da Tijuca (década de 1990).
Foto: Acervo da família.



Casa da família Brito, que hospedava o elenco do Grande Teatro, em Vila Isabel.
Foto: Acervo da família.

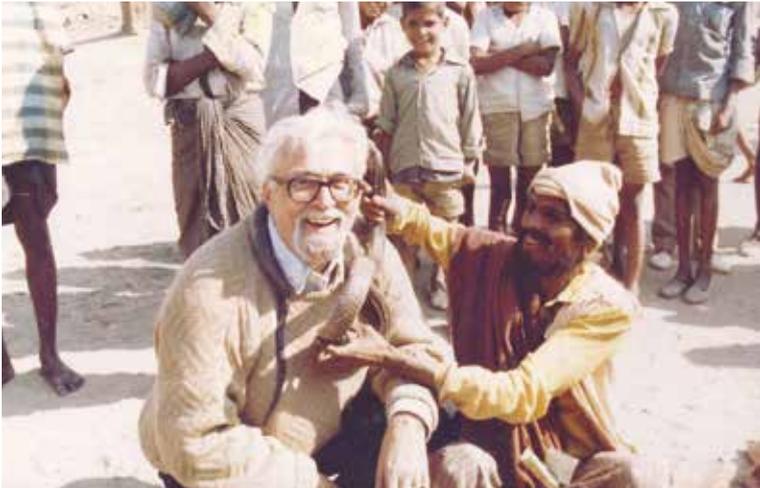
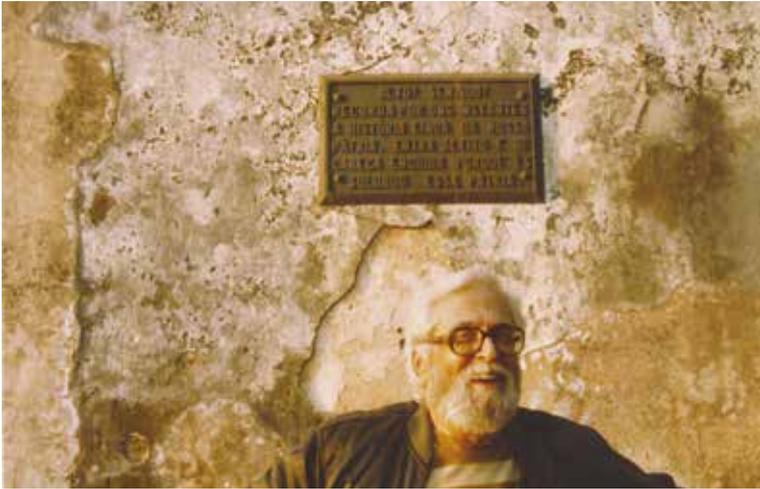


Lauro, pai de Sergio. Muito presente na vida da família Brito, tendo levado Sergio Britto a conhecer a música e a ópera dando-lhe uma cadeira cativa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi também empresário de Sergio no seu início de carreira — Teatro dos Doze.

Foto: Acervo da família.



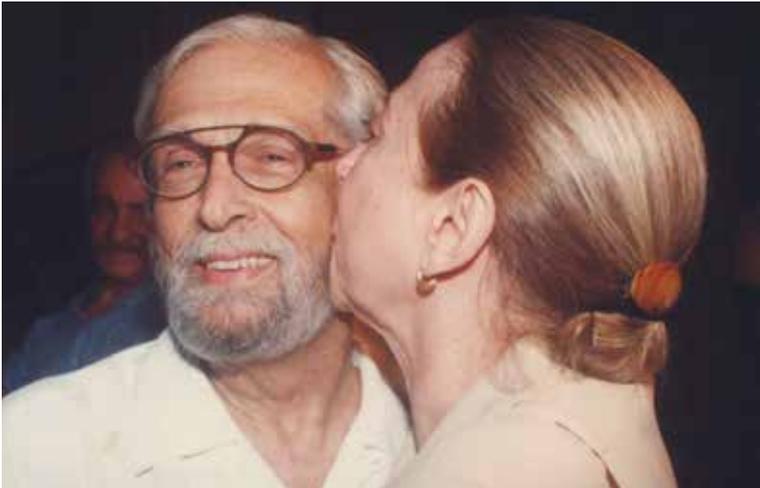
Sergio Britto em *Conchita* — Grande Teatro Tupi (1961).
Foto: Acervo da família.



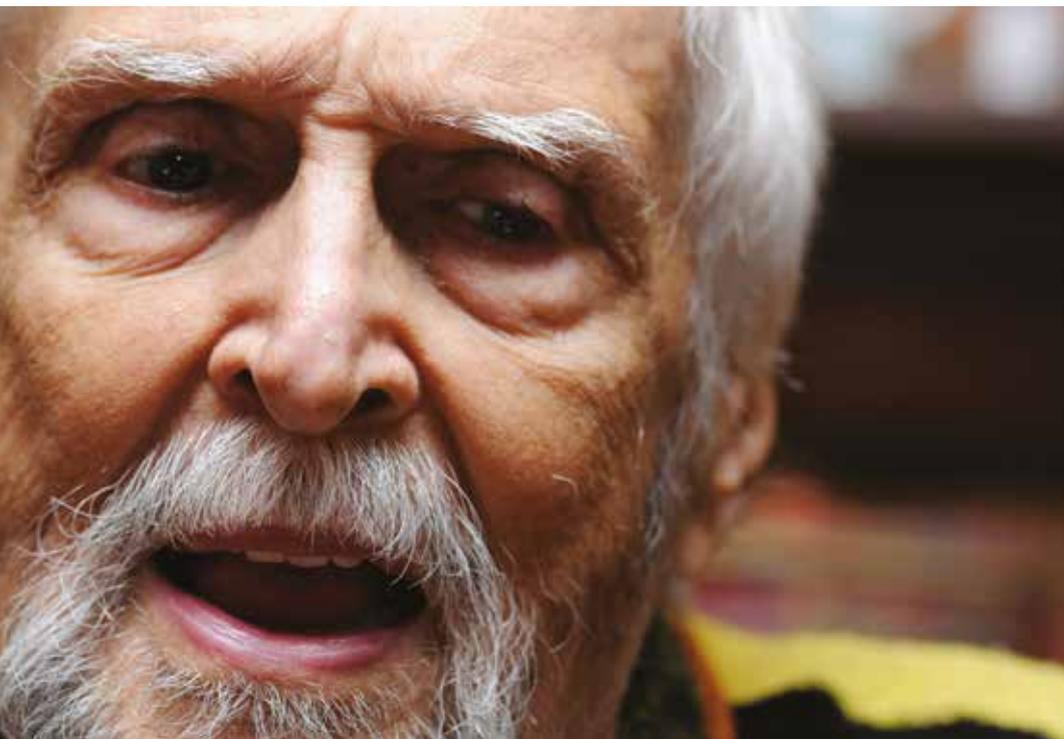
Sergio em viagem à Índia (década de 1980).
Foto: Acervo da família.



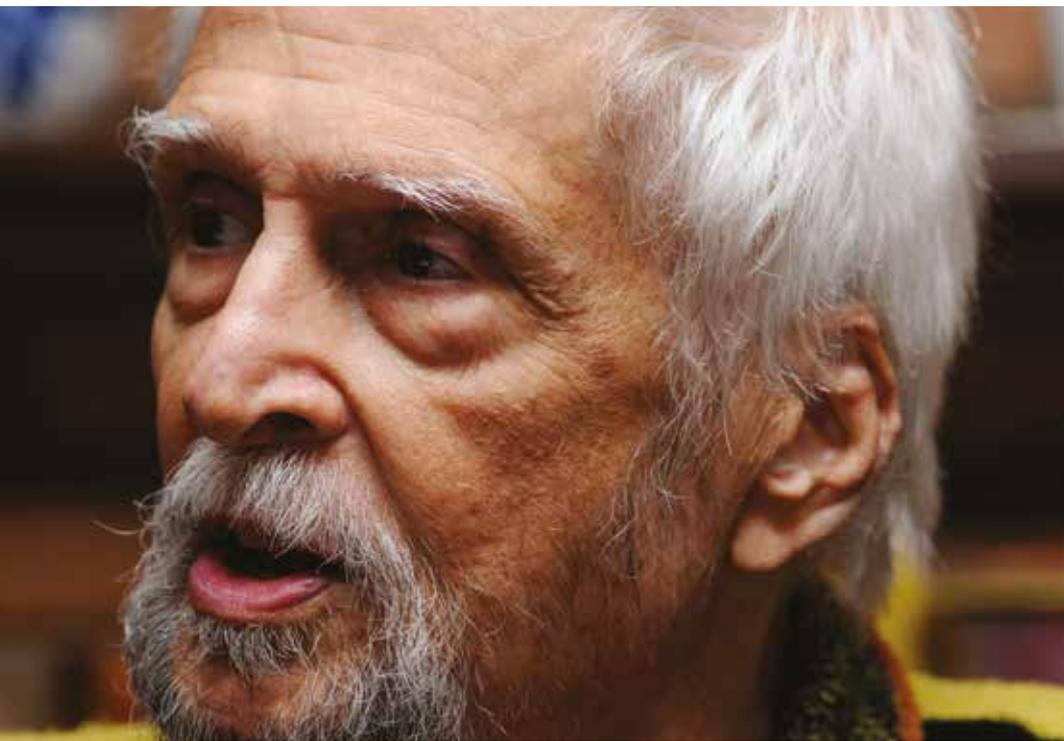
Sergio com os pais, Lauro e Alzira, após estreia no Teatro Ginástico (1965).
Foto: Acervo da família.



Sergio Britto e Fernanda Montenegro.
Foto: Acervo pessoal Fernanda Montenegro.



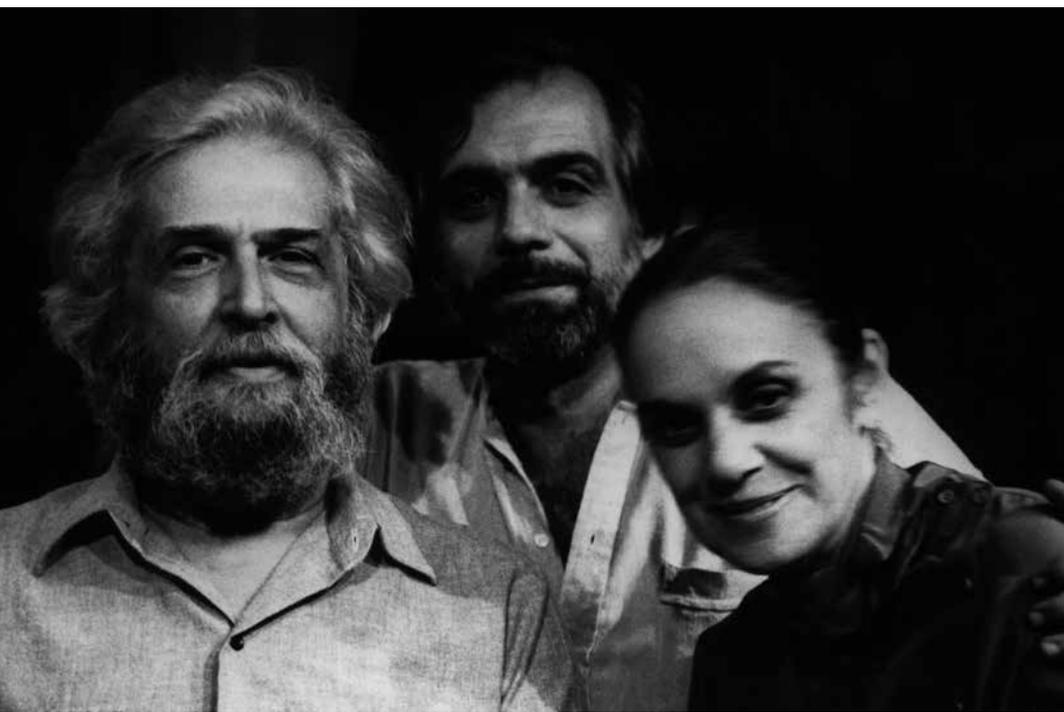
Sergio no programa Arte com Sergio Brito (TV Brasil).
Foto: Ana Migliari.





Sergio.

Foto: Acervo da família.



Sergio, Paulo Mamede e Mimina Roveda, que, com José Ribeiro Neto, criam o Teatro dos Quatro, no Shopping da Gávea, em 1978, e realizam memoráveis espetáculos. Foto: Acervo Sergio Britto.



Sergio no Grande Teatro Tupi (1960).
Foto: Acervo da família.



Viagem à Bahia (1964).
Foto: Acervo da família.



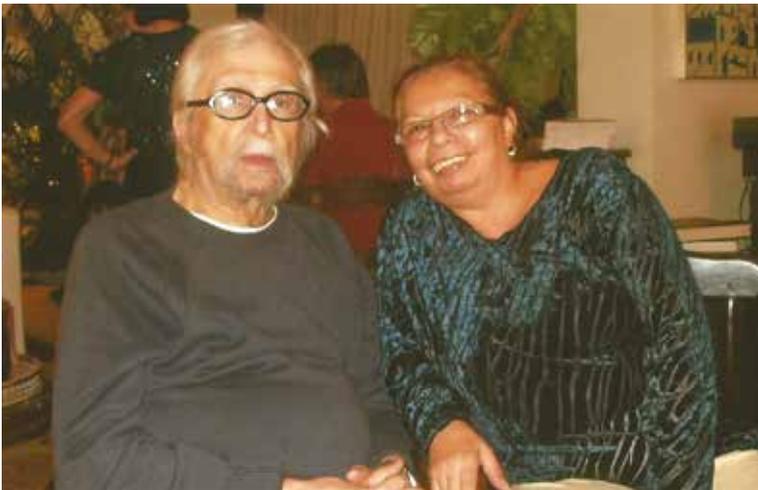
Sergio em Paris (1974). Viagem para encenação do espetáculo *Autos sacramentales*, de Calderón de La Barca, dirigido por Victor Garcia. Sergio participava do elenco principal. Foto: Acervo da família.



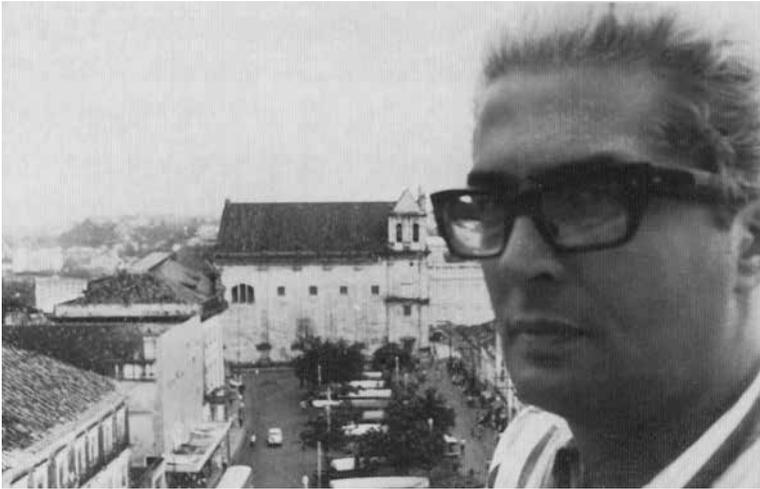
Helio, irmão de Sergio, e Nena, figura muito importante na família Brito (Teresópolis, 1949).
Foto: Acervo da família.



Viagem à Bahia (1964).
Foto: Acervo da família.



Sergio e Francisca Gomes, a Chica, fiel escudeira por mais de trinta anos.
Foto: Acervo da família.



Viagem à Bahia (1964).
Foto: Acervo da família.



Sergio em viagem à Grécia (1974). Viagem para encenação do espetáculo *Autos sacramentales*, de Calderón de La Barca, dirigido por Victor Garcia. Sergio participava do elenco principal. Foto: Acervo da família.



Nathalia Timberg, grande atriz, parceira e amiga de Sergio Britto.
Foto: Rogério Resende.



Sergio em viagem à Itaparica (década de 1980).

Foto: Acervo da família.

Barbara Heliodora, amiga de Sergio desde 1948, época do Teatro de Estudante. Como crítica de teatro, acompanhou todo o crescimento profissional de Sergio Britto. Foto: Rogério Resende.



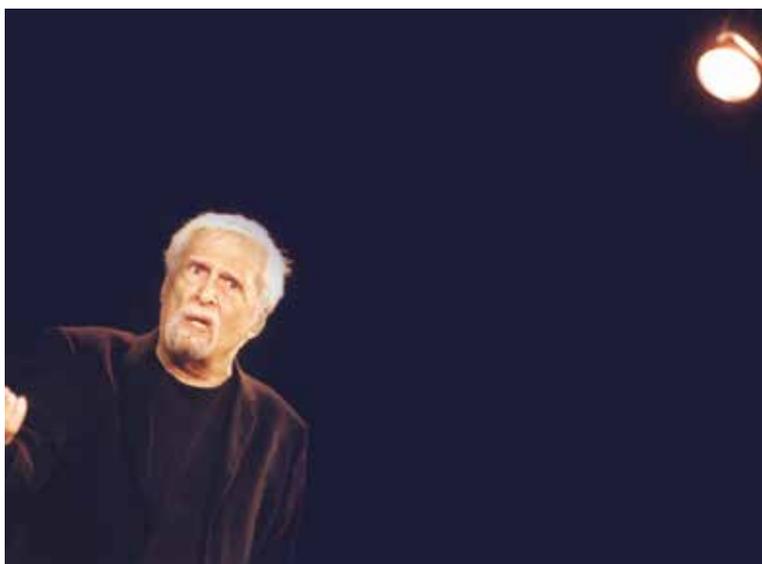


Sergio Britto.

Foto: Acervo da família.



Sergio Britto no monólogo *Sergio 80* (2003), no Teatro Candido Mendes.
Foto: Guga Melgar.



Sergio Britto no monólogo *Sergio 80* (2003), no Teatro Candido Mendes.
Foto: Guga Melgar.



Fotografia de casamento de Alzira, mãe do Sergio (1922).

Foto: Acervo da família.



Sergio com os pais e o irmão Helio em Petrópolis (década de 1930).

Foto: Acervo da família.



Lauro e Alzira, pais do Sergio, em São Lourenço, local onde a família Brito passava férias anuais (década de 1940). Foto: Acervo da família.



Sergio em viagem à Itaparica (década de 1980).

Foto: Acervo da família.



Sergio com a mãe e o irmão (década de 1930).
Foto: Acervo da família.



Yara Porto, cantora lírica do Theatro Municipal (RJ), grande amiga do Sergio a partir de 1974, quando da montagem da ópera *La Traviata*, dirigida por Sergio Britto. Foto: Acervo da família.

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte
e impresso na Edigráfica no segundo semestre de 2015
com arquivos fornecidos pela Funarte.

Paulo: O que foi esse momento pra você?

Sergio: Prazer! O brilho dos teus olhos. A dor e a alegria das coisas que brotavam incessantemente.

Eu sabia da importância desse texto. Mas a cabeça balançava. Da alegria de viver.

Paulo: Foi difícil pra você?

Sergio: Nunca foi dificuldade ditar pro meu sobrinho esses textos. Sempre fui recebido com muito carinho.

Em qualquer situação. Texto novo ou texto antigo.

Paulo: Quando você ditava esses textos, você tinha um projeto?

Sergio: É quando eu tinha.

Esse foi o meu projeto maior!

funarte.gov.br
ISSN 978-85-7507-170-0

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA